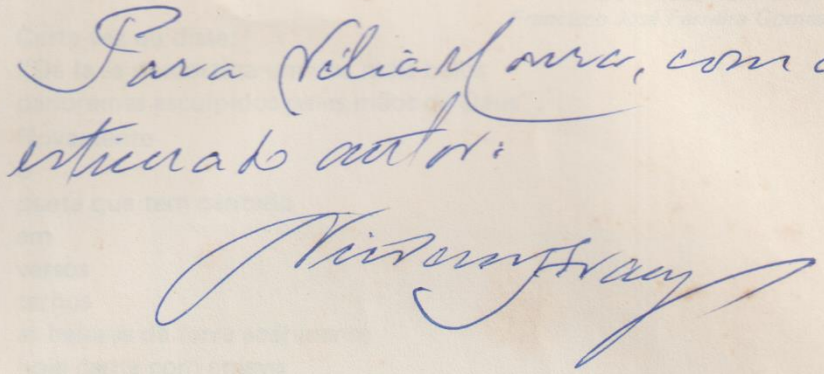
Nicodemos Araújo

JERICOACOARA

NICODEMOS ARAÚJO

Para Célia Maria, com a estima do autor:



JERICOACOARA

ACARAÚ – CEARÁ

1987

PROMOÇÃO
PREFEITURA MUNICIPAL DE ACARAÚ
ADMINISTRAÇÃO
JOÃO JAIME FERREIRA GOMES FILHO

DIGITALIZAÇÃO
ROSIMEIRE FREITAS, EM 2022

Jericoacoara

Para Nicodemos Araújo
Francisco José Ferreira Gomes

Certa vez eu disse:
"De la se descortina um dos mais belos
panoramas esculpidos pelas mãos de Deus".
Novamente
o
poeta que tem cantado
em
versos
ternos
as belezas da terra acarauense
hoje canta com enlevo
os encantos
a
magia
a beleza da Jericoacoara
na
sua
história "aurifulgente"
na sua poesia cristalina
em prosa — como as águas mansas da sua
baía tranqüila
no farfalhar constante dos seus coqueirais
sempre na dança de suas palhas — tendo
como testemunhas as aréias movediças
que a enfeitam e são uma ameaça
constante às suas lagoas de
águas límpidas.
A sua poesia é um poema — falando
das formações rochosas que bordam
o litoral abençoado das paragens de lá.
Houve mar, o cantar do Poeta, como suas
graúnas a solfejar canções de amor e
Saudades.

Nicodemos Araújo

Importa construir degraus sucessivos que conduzam os curiosos paulatinamente ao ápice da pirâmide, à síntese definitiva da história cearense.

Th. Pompeu Sobrinho

À memória de

Ismael Antônio de Vasconcelos

José de Araujo Brito

Olavo Marques de Vasconcelos

Salustiano Carvalho da Mota

Aos eminentes historiadores

Dr. Raimundo Girão
Cônego Francisco Sadoc de Araujo
Dr. Florival Alves Seraine
Padre João Mendes Lira,

sincera homenagem do autor.

Nicodemos Araújo

Sócio Correspondente da Academia Cearense de Letras
Sócio Honorário da Academia Sobralense de Estudos e Letras
Sócio Titular da Academia de Letras Municipais do Brasil – São Paulo

SUMÁRIO

PAG.

DADOS GERAIS 25
JERICOACOARA 31
A CAMPANHA DA PRESERVAÇÃO 55
JERICOACOARA ATUALMENTE 67
UM POUCO DE HISTÓRIA 75
O TOPÔNIMO 83
DOCUMENTÁRIO 99

TRABALHOS DO AUTOR

Poesias

Harmonia Interior - 1935 — Gráfica O ACARAÚ
Vozes da Alma - 1940 — Editora CORREIO DA SEMANA
Minha Prece (Poema) - 1947 — Gráfica O ACARAÚ
Pela Glória do Altar - 1953 — Gráfica O ACARAÚ
Falas do Coração - 1955 — Editora A FORTALEZA
Folhas do Outono - 1970 — Editora A FORTALEZA
Cantos do Entardecer - 1979 — Imprensa Universitária da UVA
Luzes do Ocaso - 1985 — Imprensa Oficial do Ceará

História

Santa Cruz do Acaraú - 1936 — Gráfica O ACARAÚ
Município de Acaraú - 1940 — Gráfica O ACARAÚ
Bela Cruz - 1967 — Editora A FORTALEZA
Município de Acaraú (Notas) - 1971 — Imprensa Oficial do Ceará
Almofala e os Tremembés - 1981 — Imprensa Oficial do Ceará
Acaraú, Cidade Centenária - 1982 — Imprensa Oficial do Ceará
Santana do Acaraú - 1985 — Imprensa Universitária da UVA
Município de Bela Cruz - 1986 — Tipografia MINERVA

Teatro

O Anjo Protetor - 1954 — Editora MENSAGEIRO DA FÉ (Bahia)

Genealogia

Descendência de Meus Avós - 1977 — Editora A FORTALEZA

Biografia

Capitão Diogo Lopes - 1978 — Imprensa Universitária da UFC

. . . O promotório de Jericoacoara, por mim identificado como o famoso *Cabo de Santa Maria de la Consolacion* na viagem de Vicente Yañez, em 1500.

Guarino Alves

Foi exatamente na Ponta de Jericoacoara que ele desembarcou.

Pe. João Mendes Lira

Jericoacoara desafiava a visita dos corsários estrangeiros para o resgate de diferentes drogas.

B. Studart

Esse lugar é lindo e agradabilíssimo; nele abundam as frutas e a caça é numerosa.

Pe. Claudio dAbbeville

Aí, em 1613, Jerônimo de Albuquerque lançou os fundamentos duma povoação denominada N. S. do Rosário.

Carlos Studart Filho

Aí os holandeses aproveitando-se das vantagens de uma posição estratégica, assenhorearam-se do terreno e levantaram um pequeno forte, cujas ruínas ainda são vistas em baixa maré.

Alvaro Gurgel de Alencar

Praia de natureza exuberante que sempre fascina os viajantes, por ela passaram espanhóis, holandeses e portugueses, no tempo da colonização. Recanto onde os alemães escolhiam para fazer piquenique durante a II Guerra Mundial, Jericoacoara há quatro anos foi descoberta pelos turistas.

Oswald Barroso

Com pouco se desdobrou pela costa fora, em toda sua majestade e selvatiqueza, o morro de Jericoacoara, sobrepujando a paisagem.

Antônio Bezerra

Não é só um lugar lindo, é raro. A vila já é um reduto de mochileiros do Brasil inteiro.

Maria Rita Kehl

PALAVRAS AOS LEITORES

Não há dúvida de que a vila de Jericoacoara, com sua enseada e seu serrote, constitui um dos mais belos pólos de lazer e de atração turística do Estado do Ceará.

Tal fato é sobejamente confirmado pelo fluxo de turistas nacionais e estrangeiros que continuamente procuram aquela paragem, para repouso e para distração, bem como pessoas interessadas em fazer pesquisas científicas.

Tendo em vista não somente a importância ecológica e as belezas paisagísticas daquela praia famosa, mas também os marcantes acontecimentos históricos que ali se registraram há quase quatrocentos anos, resolvemos compilar algumas notas concernentes ao seu passado e à vida de sua população através dos anos.

Positivamente não temos a vaidade de escrever história, não só por deficiência de "engenho e arte", mas também por escassez de fontes de pesquisas.

Em tais circunstâncias, o trabalho que ora apresentamos se ressente de numerosos senões, como não podia deixar de suceder.

Em verdade, uma povoação como Jericoacoara, localizada no extremo norte do Ceará, muito dificilmente oferece possibilidades àqueles que porventura se dêem ao trabalho de coligir apontamentos sobre aspectos seus, de qualquer natureza.

E um fator realmente ponderável neste tocante, são os impecilhos com que tem de se defrontar o viajante, para chegar até àquela vila praieira. Isto em consequência das dunas movediças que pontilham a costa, constituindo sérios obstáculos aos animais ou viaturas utilizados para vencer o percurso até ali.

Com atinência às muitas incorreções encontradas neste modesto opúsculo, nos tranquiliza e consola um escritor que sentencia: "Só é possível escrever um perfeito livro de história, copiando de outro perfeito livro de história". Essa opinião nos encoraja para dar publicidade a este livreto que, se méritos não tem, contribuirá, todavia, para tornar mais conhecidos os aconte-

cimentos desenrolados naquela povoação, ainda nos tempos do Brasil-colônia, assim como os movimentos efetuados recentemente, no sentido de defender aquela praia da especulação e da violência, garantir-lhe a integridade do meio ambiente e criar melhores condições para sua população.

Nicodemos Araujo

Acaraú, 1985

JERICOACOARA

Nicodemos Araujo

Alva, plana, macia, extensa, fascinante.
É assim a praia de "Jericoacoara"
Obra maravilhosa e rara
da natureza. O afoito navegante
que ali passa, em seu ofício temerário,
talvez recorde, ainda, o Forte do Rosário,
erguido há quase quatrocentos anos.
Ali nossos guerreiros espartanos
inflingiram duríssimos reveses
às hordas invasoras dos franceses.

Lá da curva onde o mar emenda no infinito
as ondas partem, sucessivamente . . .
E vêm rolando, espumando e uivando, tumultuosas,
até que, numa festa esplêndida de cores,
se despedaçam violentamente
nas bordas escabrosas
do serrote de arenito
que ergue o dorso e se alonga, alastrado de grama
e ornamentado de ervas e de flores,
tornando ainda mais belo o belo panorama.

É um encanto ficar-se ali para escutar
a perene canção oceânica do mar.
Em cima — o céu azul, em sua imensa tela;
em baixo — a praia branca, imensamente bela.

Alguém que, porventura,
daquela praia histórica se acerque,
nessas noites de luar esplendecente e ameno,
supõe ver, a vagar na arenosa planura,
as sombras de Jerônimo de Albuquerque
e de Soares Moreno.

DADOS GERAIS

LOCALIZAÇÃO

A enseada de Jericoacoara está localizada no extremo norte do Ceará, integrando os 510 km^2 que totalizam o território do Distrito de igual denominação, no município de Cruz.

ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL

A área de proteção ambiental mede 5.430 hectares, com uma extensão de vinte e três quilômetros de praia.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS

Latitude Sul 2º 47' e 2º 55
Longitude de Oeste Greenwich 40º 22' e 40º 36'

POPULAÇÃO

Pelos dados apurados no Recenseamento Geral do Brasil em 1980, a população da vila de Jericoacoara somava 731 habitantes, com 354 homens e 377 mulheres. Pelas pesquisas feitas em fim de 1984, a população da área é de apenas 650 habitantes e 163 habitações.

DISTÂNCIAS

De Jericoacoara (vila) à Capital do Estado — 308 km
De Jericoacoara (vila) à Sede Municipal — 50 km

O TOPÔNIMO

Com atinência ao topônimo Jericoacoara, vocábulo da língua tupi, há divergências de opiniões entre os estudiosos do assunto.

É assim que, conquanto Paulino Nogueira interprete a palavra como *Buraco das Tartarugas,* no que é corroborado por Teodoro Sampaio, que opina por que o vocábulo significa *Refúgio das Tartarugas,* e o eminente Rocha Pombo também concorda, denominando-o *Baia das Tartarugas,* Raimundo Girão ("Pequena História do Ceará") o define como *Mata dos Paus de cores.* E José de Alencar "Iracema", ed. de 1979, p 144) lhe dá a significação de *Baia dos Papagaios:* E explica: *Jeru* — papagaio, *cua* — várzea, *coara* — buraco, seio". E adianta: "É um dos bons portos do Ceará".

Antônio Bezerra, citado por Girão, define a palavra como *buraco das aves variadas,* de *jeru* ou *ajeru* — ave, papagaio, *qua* — variada, e *coara* — buraco. Aliás o naturalista Martius lhe dá a mesma interpretação.

E um articulista da revista "Afinal", de São Paulo, informa que o "pequeno lugarejo sem luz elétrica, sem esgoto, sem

telefone, sem asfalto, sem bar ou hotel, é *jacaré dormindo,* em dialeto indígena".

Acontece, também, que segundo Guarino Alves e outros historiadores, antes mesmo que Pedro Alvares Cabral desse o Brasil por descoberto oficialmente, o navegante espanhol Vicente Yañez Pinzon dera àquela enseada a denominação de *Santa Maria de la Consolacion,* sobre o que aludimos em outro capítulo deste monografia. Entre tantos significados, o que pegou mesmo foi *Baia das Tartarugas.*

Sobre a interpretação deste vocábulo indígena e as diferentes grafias usadas para escrevê-lo, *data vênia,* vamos respigar o que diz o livro "Municípios Cearenses e Seus Distritos", do emérito escritor Raimundo Girão:

"O topônimo, segundo Pompeu Sobrinho, (Revista do Instituto do Ceará, v. 59, p 189), foi registrado no começo do século XVII, mas provavelmente já existia desde o fim do precedente. Regefeiro de Laça, piloto da armada que levou de Pernambuco ao Maranhão o Capitão-mor Alexandre de Moura, no ano de 1615, em seu *Roteiro,* refere-se à paragem *Gerucoacoara* e ao parcel dos acaraque. No ano anterior, em carta ao Rei, o Governador Gaspar de Sousa escreveu *Jaracoara.* E Diogo de Campos, na *Jornada do Maranhão* (1615), sob a forma de *Juruquaquara".*

"Registram ainda este topônimo tupi, na primeira metade do século, Bento Maciel Parente, num memorial de 1626, sob a forma de *Jurucoaquara.* Kelian Resenlaer, 1628, que fala da praia de *Jurcoaquara".*

"Nos mapas quinhentistas ordinariamente refere-se o nome português de *Buraco das Tartarugas.* O cartógrafo Albanez registra *Juroquaquara* e escreve ao lado "Agulheiro das Tartarugas".

"Atualmente a versão portuguesa desapareceu e somente a tupi domina. Etmologicamente Jericoacoara ou, como ordinariamente se escreve. Jeriquaquara é expressão tupi que Teodoro Sampaio interpreta *Y uruaca,* tartaruga, *cuara,* buraco, refúgio ou esconderijo. Malgrado a expressiva significação do nome indígena os nossos tupinólogos não se tinham posto de acordo antes de Sampaio".

João Brígido ("Ceará — Homens e Fatos", p 352) o denomina de *Peruquara.*

E desde recuadas épocas, a localidade é chamada também de *Serrote,* provavelmente em alusão ao famoso promontório ali existente.

JERICOACOARA

A VILA

Olhando o velho mar que "borbulha e brilha na enseada de topásios diluidos, e que ruge e estronda nos rochedos", tal como diz o poeta Márcio Catunda, a Vila de Jericoacoara está localizada no extremo norte do Estado do Ceará; é sede do distrito de igual denominação, o qual foi criado por efeito da Lei Municipal nº 94, datada de 29 de junho de 1923.

Até princípios do ano em curso mencionado distrito pertencia ao município de Acaraú. Entretanto, com a criação do município de Cruz pela Lei estadual nº 11002, de 14 de janeiro de 1985, Jericoacoara passou a integrar a nova unidade cearense, que foi constituida com território do município de Acaraú.

A poetisa e jornalista Maria Rita Kelh, que em outubro de 1984 visitou Jericoacoara, informa ("Icaro" – Revista Bordo Varig) que ali vive "uma pobreza mais digna que a da cidade grande, pobreza de cidadãos com direitos, donos de seu chão – pobreza sem mendigos". E adianta que em Jericoacoara "há o luxo do tempo que ainda não vale dinheiro e por isso passa devagar, sem pressa, sem ansiedade. O luxo de viver numa terra livre da invasão, da especulação, da depredação que invade os lugares mais desprotegidos do país".

A fisionomia urbana da vila de Jericoacoara é representada, antes de tudo, por duas ruas que, iniciadas a meia distância, no centro da mesma vila, se prolongam até o mar.

Nessas ruas, na primeira metade do presente século, foram construidas algumas casas residenciais de *sobrado,* isto é, de dois pavimentos, entre as quais a de propriedade do comerciante Ismael Antônio de Vasconcelos, e que foi o primeiro prédio de tal categoria levantado na área. Isto em 1919, com paredes de meio metro de espessura.

Conforme descreve a revista carioca "Manchete", que mandou até àquela praia uma equipe de reportagem, "a vila está prensada entre duas elevações. À esquerda, uma montanha de calcário e pedra; à direita, dunas migratórias". E acrescenta: "E lá

embaixo há também uma grande pedra solta apoiada sobre outra menor. É a Pedra Solteira".

A localidade tem características únicas, como fala um turista. Por exemplo: a chamada Pedra Furada, considerada um símbolo especial da Vila, olhada de certa distância, dá a nítida impressão de um enorme dinossauro a dormir.

O perímetro suburbano da Vila, em apreciável parte é tomado pelas dunas itinerantes, pelas restingas e pequenas lagoas. A vegetação ali é composta de coqueiros, cajueiros, mandacarus, juazeiros e outras plantas de pequeno porte, bem como gramíneas.

Quase setecentas pessoas moram atualmente nessa área. Famílias em casas de pedra, outras em casas de taipa, e algumas em choupanas, atestando, destarte, a precária situação econômica daquela gente. Gente que vive quase exclusivamente da pesca artesanal, que é a ocupação principal de elevada parcela de seus habitantes.

A água que abastece a população é adquirida no sopé do Serrote. É que a constituição sedimentar dos morros possibilita a infiltração da água da chuva até à base, onde é apanhada em sua pureza natural.

Quem observa aquela tradicional povoação em sua tranquilidade praiana, no seu bucolismo habitual, com sua gente entregue ao seu labor modesto e rotineiro, nem de leve supõe que naquela paragem escondida no extremo setentrião cearense, aventureiros de além-mar, movidos pela cobiça desenfreada de minérios e outros produtos nativos, ou no propósito belicoso de estabelecer base de operações militares, desembarcaram, ainda no tempo do Brasil-menino. Sim. Nem de longe imagina que naquela praia solitária sangrentos combates aconteceram, pondo em relevo a impavidez dos defensores da área. Fatos que deixaram na História cearense uma página realmente admirável. Também não fazem idéia da importância que, em épocas que já vão distante, tinha aquela famosa enseada, para o intercâmbio de navegantes e até de forças militares. Antônio Bezerra, citado por Dom José Tupinambá da Frota ("História do Sobral", p. 49) confirma isso, "toda a

comunicação se fazia ao norte por Jericoacoara, pelo caminho da praia, segundo se verifica das ordens contidas nos Regimentos".

O HISTORIADOR DA VILA

Entre os tipos mais conhecidos da Vila de Jericoacoara, sobressai o velho Joaquim Canuto Pedro, que ali chegou no início deste século.

Joaquim Canuto, alcunhado "Historiador da vila", é inteligente, tem fidelidade de memória e conhece tudo naquelas paragens. E conta histórias que mais interessantes se tornam, pelas imagens esquisitas que apresentam. Também canta gostosas emboladas de sua lavra.

É Canuto que assevera: "Nestas praias andou Vicente Pinzon, o espanhol que mandou celebrar uma missa no Serrote".

Segundo o jornal O POVO, Joaquim Canuto, que tem como ponto de palestras a mercearia de Seu Vicente, narra, também, que outro espanhol chamado Manoel Queiroz "ali desembarcou para desencantar o Serrote, mas quando entrou na furna para despertar o jacaré, e começou a rezar, o Serrote deu três estrondos, os animais quebraram os cabrestos e fugiram: E adianta que "das canoas se ouvem as batidas da furna do ferreiro, onde uma pedra bate até o galo cantar".

E com estas e outras narrativas igualmente inusitadas, o nosso inofensivo Canuto distrai boa parte da população local, perante a qual goza de amizade e prestígio.

ASPECTO RELIGIOSO

Com referência ao aspecto religioso da Vila de Jericoacoara, pouco se tem a registrar de importante.

Na verdade aquela vetusta povoação marítima, pela sua localização, distando 68 quilômetros desta cidade de Acaraú, e pelas suas precárias condições urbanas, não tem merecido a atenção e os cuidados como teria sido tratada, se outra fosse a sua posição geográfica.

Acresce, ademais, que o transporte da sede paroquial àquela localidade se torna extremamente dificultoso, já pela distância do percurso, já pela existência de medões em grande quantidade, tornando parte do caminho quase intransitável, para lá chegar.

Acontece, entretanto, que o primeiro testemunho de fé cristã a registrar-se naquela praia, teria sido a cruz que Vicente Yañez Pinzon ali teria fincado, ainda no amanhecer do século dezesseis.

Mais de um século depois, isto é, em 1613, o Capitão Jerônimo de Albuquerque erigiu ali um pequeno santuário, em o qual Frei Manoel da Piedade celebrou missa solene, a 5 de outubro de 1614.

E o escritor Raimundo Girão informa, em sua "Pequena História do Ceará", que "o pequeno santuário de Nossa Senhora do Rosário sobreviveu aos tempos".

No entanto não se sabe por quantos anos o humilde templo ainda permaneceu de pé, recebendo os cuidados dos fiéis.

Depois do que aqui ficou registrado, ao longo dos anos, tanto os Vigários da Paróquia de Acaraú enquanto aquele povoado lhe pertenceu, como os sacerdotes que desempenharam as funções de Pároco de São Francisco da Cruz, após a criação daquela Paróquia a 17 de março de 1958, têm visitado regularmente aquela comunidade, levando aos fiéis jericoacoarenses a mensagem salvadora do Evangelho e os sacramentos da Igreja Cristã.

Efetivamente, tanto Mons. José Edson Magalhães como Pe. Manoel Valderí da Rocha, de então até hoje, além das visitas mensais, sempre mantiveram Centros Catequéticos naquela Vila, com reais proveitos para o incremento da fé entre as novas gerações locais.

Igualmente o ensino religioso vem sendo ministrado pelas professoras das escolas ali instaladas no decorrer do tempo, como também no Centro Comunitário inaugurado naquela Comunidade, em 1982, sob a direção do *historiador* Joaquim Canuto Pedro.

Aí pelo ano de 1955, Mons. Sabino de Lima, então

Vigário de Acaraú, passou a incentivar a população de Jericoacoara para que ali fosse construida uma capela, que seria um motivo especial para fortalecer a fé, e facilitaria a acomodação dos fiéis, por ocasião da celebração das cerimônias religiosas e administração dos sacramentos.

O povo jericoacoarense entendeu o apelo do saudoso sacerdote. E, de imediato, deu início as primeiras providências. Conseguindo o terreno para o templo, por doação feita pelo sr. João Marques Ferreira, foram sendo realizadas quermesses, leilões e outras promoções populares, com o objetivo de conseguir recursos para ocorrer as despesas que se faziam necessárias.

E logo a 1 de fevereiro de 1955 o Pe. Expedito Silveira de Sousa, que naquela época exercia o cargo de Coadjutor da Paróquia de Acaraú, lançou a pedra fundamental do templo, cujos trabalhos de construção de imediato foram iniciados.

A igrejinha teria por padroeira Nossa Senhora de Fátima. E a comunidade inteira passou a ajudar em serviços, emprestando à obra um autêntico regime de mutirão.

Em janeiro de 1956 visitamos aquele templo em construção. E no jornal "O Acaraú", que então redatoriávamos, edição de 15 do mesmo mês, inserimos a seguinte notícia: — "Em dias da última semana tivemos oportunidade de visitar os trabalhos de construção da Capela de N. S. de Fátima, na vila de Jericoacoara, deste município. E verificamos que mesmos trabalhos estão bastante adiantados. A construção é feita de pedra e cal, e as paredes já estão na altura de quatro metros".

À frente do empreendimento estiveram as sras. Raimunda Araujo Lima, então professora da Colônia de Pescadores Z-3, ali instalada, e Ângela Marques de Vasconcelos, esposa de Ismael Vasconcelos, que fora nosso colega como Vereador à Câmara Municipal de Acaraú, até 1930, quando esse poder foi dissolvido pela Revolução de outubro daquele ano.

Pois bem: com a transferência para esta cidade, da professora Raimunda Araujo Lima e a viuvez de D. Ângela Marques de Vasconcelos, mesmas senhoras deixaram a direção da obra.

E o resultado, realmente lamentável, é que as paredes da igrejinha ficaram em ponto de receber cobertura. E assim ainda se encontra, aguardando a boa vontade de alguém que se interesse pela sua conclusão. Hermann Nass fala de "uma grande igreja de pedra que jamais foi concluida".

Na presente época, em que o fluxo de turistas naquela histórica localidade está aumentando de maneira animadora, ocasião propícia se oferece à população jericoacoarense, para que um novo impulso seja dado, no sentido de abreviar o término da capelinha.

Sim, porque mais de metade da obra já foi feita. Tal fato deve constituir boa dose de incentivo para aqueles que porventura se interessam pela vida religiosa e pelo desenvolvimento daquele badalado pedaço do território cearense.

Que aquela comunidade se conscientize da magnitude do problema, e procure solucioná-lo com o empenho merecido.

E tanto mais se justifica um interesse especial para conseguir o acabamento da construção da capela, quando, muito provavelmente, não existe outra sede distrital no Estado do Ceará, e quiçá no Brasil, que não possua um templo cristão, onde, em ambiente adequado, os fiéis possam exercitar sua fé e receber os sacramentos da Igreja.

O ENSINO

O problema de ensino e educação na Vila de Jericoacoara, também não tem sido tratado com os cuidados merecidos, a começar, segundo nos informaram, pela própria população local, que se omite ou se atrasa em levar às autoridades competentes os problemas que mais de perto interessam à comunidade.

O que é verdade é que, consoante informações colhidas *in loco,* no defluir dos anos, estiveram ali, esporadicamente, alguns mestre-escolas, em seu nobilitante mister de ensinar.

Todavia, em 1924, quando naquela povoação foi instalada a primeira Colônia de Pescadores, abriu-se uma escola destina-

da aos filhos dos pescadores colonizados, pagando, cada uma, modesta contribuição mensal. A sequência de professores no mencionado estabelecimento de ensino, é a seguinte: Ana Martins de Oliveira Severiano, Leonor de Castro Moura, e Raimunda Araujo Lima, que ali exerceu suas funções magisteriais até o ano de 1956.

Posteriormente a Capitania dos Portos do Ceará contratou, para aquela Vila, as professoras Neusa Carvalho e Lúcia Ferreira Melo, que ali ainda desempenha sua missão entre as novas gerações.

Igualmente a Prefeitura Municipal de Acaraú, desde há muito vem mantendo uma escola de primeiras letras, naquela praia famosa.

Atualmente o Prefeito João Jaime Ferreira Gomes Filho tem ali instaladas duas Escolas Municipais, dirigidas pelas mestras: Lúcia Ilande de Melo e Francisca Liduina Melo.

As educadoras de Jericoacoara, até 1978 ministravam suas aulas em residências particulares. Porém, a 25 de dezembro desse ano, o Dr. Manoel Duca da Silveira Neto, então Prefeito Municipal de Acaraú, inaugurou naquela Vila um prédio escolar, com duas salas de aulas, proporcionando, destarte, adequadas condições de trabalho e de estudo às professoras e aos alunos matriculados.

Também o Movimento Brasileiro de Alfabetização — MOBRAL — há alguns anos instalou em Jericoacoara um Posto para alunos adultos de ambos os sexos, dirigido pelo professor Francisco Silvestre dos Santos.

Não obstante tais providências, é certo que diversas famílias dali se têm mudado para as cidades de Acaraú, Bela Cruz, Camocim e Fortaleza, à procura de um mais elevado nível escolar para seus filhos, porque o ensino ministrado na vila de Jericoacoara não vai além da 4ª Série do Primeiro Grau.

Este é um problema de capital importância a ser tratado, com a necessária atenção, por "quem de direito".

Em verdade, acreditamos que, em consequência do movimento progressivo de turistas naquela praia, a Vila tende a desen-

volver-se, e, conseguintemente, receber de volta até mesmo famílias que dali se retiraram, por dificuldade de sobrevivência.

Ao nosso modo de entender, novos e amplos horizontes estão se abrindo para a comunidade jericoacoarense.

E a educação, com a consequente melhoria do nível cultural da infância e da juventude, deve constituir a preocupação principal dos elementos representativos da Vila, isto é, aqueles que realmente almejam o verdadeiro progresso de sua terra e o benefício maior de sua gente trabalhadora e ordeira.

Para a Prefeitura de Cruz ocorre, neste particular, um sério obstáculo: É que, em face da distância e das dificuldades de transporte, nenhuma professora diplomada aceita contrato para lecionar em Jericoacoara.

É bom registrar, que mesmo com o ensino deficiente, o percentual de pessoas alfabetizadas existentes em Jericoacoara, é relativamente normal. Basta dizer que nas eleições de 15 de novembro de 1982, ali funcionou a 7ª Seção, com 242 eleitores inscritos.

ECONOMIA DA ÁREA

A indústria da pesca constitui, praticamente, a única fonte de renda da localidade de Jericoacoara.

Com efeito, afora a pesca artesanal, efetuada por meio de currais, linhas e anzol, munzuais, caçoeiras e outras redes de fio e tucum que ali se confeccionam, existe naquela Vila e adjacências apenas uma pequena criação de ovelhas e suinos, bem como uma inexpressiva lavoura de côco, feijão e batata doce.

Vale registrar que aí pelos anos de 1969/70, o saudoso industrial Manoel Lousada Gonçalves estabeleceu naquela Vila uma modesta fabricação de conservas de peixe, a qual, infelizmente, teve pequena duração, isto talvez porque na época haja escasseado o pescado, por um motivo qualquer, o que vez por outra está ocorrendo.

Uma panificadora também funcionou naquela Vila

durante vários anos, embora que com limitada produção.

Também o movimento comercial é inexpressivo, conquanto esteja reagindo, graças ao movimento turístico que se vem operando.

Entretanto, anteriormente havia naquela praça casas comerciais que muito bem representavam o comércio do interior do município, na época, pelo seu empório de mercadorias. Salustiano Carvalho da Mota, Ismael Vasconcelos, José Salustiano de Carvalho, José Araujo Brito e Olavo Vasconcelos mantiveram ali sortidas lojas de tecidos e outros artigos importados, registrando apreciável movimento, ao longo de muitos anos, desde o amanhecer do presente século.

ARTESANATO

O artesanato, que constitui autêntica expressão da cultura do povo, na vila de Jericoacoara, em decorrência de sua localização e da ocupação de sua gente, esse ramo da cultura popular se restringe quase exclusivamente à feitura de engenhos de pesca.

Efetivamente, ali se confeccionam redes de currais, em tucum, redes de camarão e de arrasto, em nylon, bem como tarrafas e caçoeiras. Afora isso, trabalhos em labirinto e bordados, mas em quantidade inexpressiva. Outro trabalho muito apreciado pela sua delicadeza, são as blusas, varandas e redes de dormir que ali se fazem em ponto de crochê.

De pequeninos búzios se fazem colares, pulseiras e até brincos, tudo muito procurado pelos turistas, porque são realmente interessantes.

CEMITÉRIOS

Ao que conseguimos tomar conhecimento, na localidade de Jericoacoara, ao longo dos anos, foram construidos dois cemitérios, ambos por iniciativa particular.

O primeiro foi feito pela comunidade, em 1956, em

terreno doado pelo proprietário José de Sousa. Esse cemitério foi cercado de madeira. Até o ano de 1956, os mortos de Jericoacoara eram sepultados no povoado de "Caiçara".

O segundo foi construido em 1970, pelo comerciante Olavo Marques de Vasconcelos, em terreno de sua propriedade. Mencionado cemitério é cercado de muros de pedra e cal. E conforme nos informaram, sua bênção foi oficiada pelo Pe. Manoel Valderi da Rocha, Vigário da Paróquia da Cruz, e cuja jurisdição eclesiástica aquela área pertence.

A ENSEADA

A baia de Jericoacoara, com seu passado tão fascinante, pelos acontecimentos históricos que alí sucederam, ocupa uma área estimada em cinco mil hectares. Sua praia mede aproximadamente vinte quilômetros de extensão, estendendo-se "alva, plana, macia, extensa, fascinante", como fala o poeta.

O terreno local constitui, naturalmente, uma autêntica planície costeira, merchetada de dunas migratórias, e onde não faltam as chamadas "lagoas intermitentes".

E diz o jornalista Hermann Nass que "a definição e a extrema suavidade dos contornos da paisagem, bem como as cores fortes em contraste com os tons de delicado pastel, fazem desse reduto ecológico um sonho digno das melhores telas de Pancetti".

E a revista paulista "Sua Boa Estrela", nº 68, registra que "Jericoacoara é uma enseada histórica que divide com Aracati a honra de ter recebido o navegador Vicente Yanez Pinzon bem antes do desembarque do português Pedro Alvares Cabral em terras brasileiras". E adianta: "Por isso Jericoacoara está tão ligada à história do Ceará. Pena que o acesso a essa enseada seja tão difícil, exigindo do visitante, em troca de um convívio mais íntimo, algumas horas de jipe sobre a areia e um arrojado espírito aventureiro".

No centro da área, como registramos, a arborização é composta de ervas rasteiras, sobressaindo os cerrados de mangue muito verde, perenemente acariciado pelos ventos marinhos, o

que constitui mais um encanto daquele "paraiso perdido".

E, em frente à baia famosa, salpicada de canoas, escancara-se o oceano, em sua beleza majestosa e selvagem, imensurável em suas proporções e insondável em seus mistérios.

É o mar imensamente verde, que ora se levanta em vagalhões gigantescos, uivando e bramindo aterradoramente, ora, sereno e bonançoso, "lembra, na toada mansa, / rumor de beijos, segredar de preces / e balbucios meigos de criança".

E é enfrentando aquela imensidade líquida, buliçosa e traiçoeira, que o pescador experiente e destemido vai buscar os meios da própria subsistência, escrevendo, com sua coragem, uma epopéia sem par na história dos heróis anônimos de nossa Pátria gloriosa e boa.

Às vezes, embora isto aconteça muito raramente, o pescador não mais regressa à sua praia querida, porque a borrasca furiosa e violenta o atirou no seio das ondas agitadas, sobre um lençol de espuma alvinitente. E ele mergulha, para sempre, no mistério frio das águas onde buscava o alimento para a família faminta, tal como o combatente que tomba no campo de batalha, em defesa da Pátria.

Achamos oportuno transcrever para esta monografia o primoroso soneto do Padre Antônio Tomás, intitulado "A Morte do Jangadeiro":

"Ao sopro do terral abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada,
Entre os uivos do mar que se encapela.
Prudente o jangadeiro se acautela
Contra os mil acidentes da jornada.
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a procela.
Súbito um raio o prostra e, furioso,
Da jangada o despeja nágua escura.
E em brancos véus de espuma o desditoso,
Envolve e traga a onda entumicida,

Dando-lhe, assim, mortalha e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida".

José de Alencar pergunta: "Onde vai a afouta jangada que deixa, rápida, a costa, aberta ao fresco terral a grande vela?"

E canta Juvenal Galeno: "Minha jangada de vela,
Que ventos queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar".

COLÔNIA DE PESCADORES

Consoante registramos em outra nota deste modesto trabalho, a pesca artesanal constitui o fator de sustentação econômica da Vila de Jericoacoara, e, consequentemente, a ocupação precípua de sua população masculina.

E nem se concebe que de outra maneira sucedesse, visto como aquela localidade não possui terreno apropriado ao exercício da agricultura em escala expressiva, nem conta com indústria de qualquer natureza.

Como também ficou dito, apenas um diminuto plantio de batata doce e feijão, uns tantos pés de coqueiro e alguns cajueiros indicam a lavoura naquela área entremeada de dunas viajantes.

Então é da pesca, quase exclusivamente, que vive aquela comunidade litorânea.

No que diz respeito ao serviço de assistência aos pescadores jericoacoarenses, em 1924 foi instalada ali a Colônia de Pesca Z-3.

Com sua Colônia em funcionamento, assistida pela Capitania dos Portos do Ceará, e, posteriormente, pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — SUDEP — os pescadores colonizados tiveram alguns benefícios, entre os quais escola gratuita para seus filhos.

Ocorreu, todavia, que no ano de 1976, em razão de providência tomada pelo Programa de Desenvolvimento da Pesca, do Ministério da Marinha, todas as Colônias localizadas no interior

deste município foram extintas, permanecendo em atividade somente a Colônia Z-6, que foi transferida de "Curral Velho" para a sede municipal.

Naquela época a Colônia Z-3, de Jericoacoara, tinha a seguinte Diretoria, eleita pelos pescadores inscritos:

Presidente:–Bertoldo Alves de Lima. Tesoureiro: -- Joel Arlindo de Sousa. Secretário: — José Genésio de Melo.

Atualmente há em Jericoacoara uma Capatazia para arrecadar as mensalidades dos pescadores, confiada ao sr. Benedito B. de Sousa.

JANGADAS E CANOAS

Na praia de Jericoacoara, como em toda a costa marítima do município de Acaraú, a presença de jangadas é muito rara.

Os pescadores que operam nesse trecho de orla oceânica, dificilmente dão preferência a essa embarcação tão antiga na pescaria exercida na costa marítima brasileira.

Em verdade, o eminente historiador cearense, Gustavo Barroso, nos dá conhecimento de que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, na era de sua descoberta, já encontraram a jangada, sendo utilizada pelos indígenas que habitavam as proximidades do mar e se ocupavam da pesca marítima.

Tratava-se, então, de barcos primitivos, e, por isso mesmo, trabalhados sem instrumentos adequados e sem a técnica requerida.

Com o transcorrer do tempo, no entanto, a fabricação dessas embarcações foi sendo aperfeiçoada, como era natural que sucedesse.

No que se relaciona com o fato de os pescadores dessa área preferirem canoas e lanchas para o exercício da profissão, alguns estudiosos do assunto explicam a ocorrência, afirmando que ao tempo da escravatura negra no Brasil, os chamados senhores de engenho não permitiam que os cativos navegassem em barcos de quilha, receando que alguns fugissem pelo mar.

E tal fato acontecia onde havia canaviais que ocupavam maior número de escravos.

Ora, se esse cuidado se fazia necessário nas praias de leste e sul do Ceará, onde havia imensos canaviais quase à beira-mar, o mesmo não sucedia no norte da Capitania, onde o plantio de cana ainda era incipiente e inexpressivo, e o trabalho do braço escravo era utilizado na lavoura de mandioca e cereais, no mato, e na criação de gado, ao longo das ribeiras, no *sertão*.

E o costume ficou. De tal maneira que, enquanto os pescadores residentes da praia de Trairí para leste dão preferência à jangada, para suas pescarias, os que estão localizados daquela praia para oeste, opinam pelas canoas, com as quais já estão acostumados.

E é por isso que na praia de Jericoacoara não há jangadas. Apenas raramente ali aparecem alguns *paquetes*, oriundos de "Poço Doce" ou "Rancho do Peixe".

PEIXES DE JERICOACOARA

É bem elevado o número de espécies de peixes, crustáceos e moluscos encontrados na praia de Jericoacoara, como em toda a costa marítima acarauense, a qual se estende desde àquela enseada até ao desaguadouro do rio Aracati-Açú, numa distância presumível de 140 quilômetros.

Achamos conveniente relacionar nesta sinópse essas mesmas espécies de nossa fauna marinha, o que fazemos por ordem alfabética, para facilitar a identidade de cada uma.

Acreditamos, porém, que muitas ainda nos faltam, pois as praias de Acaraú são bem ricas desses animais aquáticos que povoam nossas águas oceânicas, e constituem o alimento básico de nada menos de um terço da população acarauense.

A seguir, a relação:

Agulha

Agulhão de Vela

Arraia
Arenha
Alvacora
Bocarra
Bagre-de-Fita
Bagre Comboeiro
Bagre Amarelo
Boto
Bonito
Biquara
Beijú-pirá
Cação Jaguara
Cação Fidalgo
Cação Rabo Sêco
Cação Sicurí
Cação Flamengo
Cação-de-Chapéu
Camurupim
Curuca
Camurim
Craúna
Carapitanga
Curimã
Cangulo
Canguito
Carapicu
Coró-Cabeça-Dura
Dourado
Enxova
Guaiuba
Galo-do-Alto
Guaiamum
Garajuba
Lagostim
Mero

Ariacó
Aniquim
Aruanã
Bagre Bandeira
Bagre Lambusa
Bagre Papista
Bagre Cambeba
Barbudo
Baiacu
Bicuda
Cação viola
Cação Manoel Dias
Cação Espadarte
Cação Lixa
Cação Espelho
Cação Travessa
Carapeba
Curvina
Cambuba
Camarão
Caranha
Cavala
Caranguejo
Capissulinha
Cioba
Coró-Bôca-Roxa
Coró-Marinheiro
Dentão
Espada
Galo
Garoupa
Garachimbó
Lagosta
Lanceta
Morador

Manjuba
Moreia
Mututuca
Pargo Ferreira
Parum
Polvo
Pirá
Pilombeta
Peixe Voador
Pirambú
Piraroba
Pescada Amarela
Pescada-de-Dente
Roncador
Serra
Sirí
Sapuruna
Sirigado
Sôlha
Tartaruga
Taínha
Tubarão
Ubarana
Xancarrona
Xarelete
Zamboque
Mariquita
Muçá
Olho-de-Boi
Pargo Piranga
Pirama
Pacamão
Pampo
Pinga
Pirocaia
Pilombeta-do-Alto
Pescada-Perna-de-Moça
Pescada Cascuda
Piranema
Sardinha
Sururú
Saia Rota
Salema
Sargo
Sabão
Tamatarana
Tibiro
Tuninha
Virota
Xaréu
Zambaia
Total — 113

Entre os aparelhos de pesca usados na praia de Jericoacoara e limites, citamos: Anzol, Arpão, Bicheiro, Caçoeira, Curral, Espinhel, Jererê, Lana, Munzuá, Quixó, Rede-de-arrasto, Rede-de-Camarão, Rede-de-espera e Tarrafa.

Aliás, o escritor Idelfonso Albano fala que "para a pesca do bagre, Mané tem a besta e a preaca", e o escritor Florival Seraine diz que na praia de Lagoa Seca "ainda usam o arco e a flecha, ao modo de nossos silvículas, para pescar bagres nos *alagados* do mangue".

O SERROTE

O histórico Serrote de Jericoacoara, que, segundo o escritor Osvald Barroso, "o mareante avista a doze milhas da costa", está localizado à esquerda da Vila e é formado por dois morros de bordas arredondadas que se prolongam até atingir o mar. Um de mais de cem metros de altura, presumivelmente, e o outro de menores proporções.

Diz o jornalista Hermann Nass que "ali não existem coqueiros nem qualquer vegetação que lembre a faixa litorânea. Só mandacarus e juazeiros, que resistem à aridez do solo, num exemplo único de avanço, até a beira-mar, da vegetação da caatinga".

Esses morros de areia escarlata, com base de arenito ferruginoso, bordejam a costa, e sua cor afogueada provém do óxido de ferro de que se constitui a rocha, cujos afloramentos se revestem de uma esplêndida coloração.

A ação das ondas batendo continuamente nas bordas do rochedo, oferece aos olhos um colorido magnífico e impressionante.

Aquela massa rochosa de há muito vem fornecendo material de boa qualidade para construção de casas dos moradores da Vila.

Acontece, também, que o trabalho permanente das vagas, através dos anos e dos séculos, conseguiu romper a rocha, formando um arco quase perfeito, e, por isso mesmo, justamente admirado pelos visitantes daquela praia maravilhosa.

Sobre a dimensão vertical do Serrote, vêm se registrando repetidas descordâncias entre escritores e jornalistas que a ela se referem. Uns registram 100 metros, outros sobem para 120 e alguns o colocam com 150 metros. Uma equipe de pesquisadores que ali esteve, em estudos, em outubro de 1984, alude ao "dinamismo da paisagem dominada pelo chamado Serrote, com 98 metros acima do nível do mar".

Provavelmente muitos desses informes são baseados em avaliações. Daí se originam as divergências, que afinal não repre-

sentam qualquer importância para a história encantadora da "Baia das Tartarugas".

A jovem psocóloga Maria Rita Kelh nos dá conhecimento de que o serrote "impede que a vila seja lentamente soterrada pela areia". E acrescenta que "um estudo ecológico de Jericoacoara levantou quase oitenta espécies de pássaros". E que ela encontrou naquela praia "bandos de garças brancas, pequenos grupos de marrecas, tetéus de grito estridente e o socó caçador pertinho do jipe, povoando aquelas dunas brancas, rodeando pequenas lagoas azul-esverdeadas".

Fala-se na existência de minérios no serrote de Jericoacoara. E que uma mina de ferro ali foi detectada, pelo naturalista Feijó.

Aliás, o Tabelião Neon Sales Lopes informa que ainda na década de 40, época em que era ele titular do 1º Cartório da Comarca de Acaraú, ali compareceu um engenheiro, tentando registrar uma mina de ferro que encontrara naquele famoso serrote.

Aconteceu, no entanto, que entre os ofícios atribuidos ao referido Cartório, não constava um que permitisse efetuar registros desta natureza, pelo que esse engenheiro viajou então à Fortaleza, na pretensão de legalizar sua descoberta.

E ali postado, silencioso e formidável, aquele famigerado rochedo "ergue o dorso e se alonga, alastrado de grama, / tornando inda mais belo o belo panorama", e guardando, permanentemente, aquela praia tradicional, através dos tempos, desde "as priscas eras bem longe vão", como fala Castro Alves.

Contemplando o serrote praieiro, majestoso em seus cem metros de altura, semelhando um enormíssimo lagarto antidiluviano, vamos repetir o pensamento de Olavo Bilac, em seu belo soneto "A Montanha", nestas quadrinhas baratas:

Tal como o bíblico Horebe,
esse serrote imponente
é o primeiro que recebe
o bom dia do sol nascente.

Ao anoitecer, também,
naquelas praias tão belas,
ele é o primeiro que tem
a saudação das estrelas.

OS FARÓIS

Em nosso trabalho intitulado "Município de Acaraú", editado em 1940, noticiamos a instalação, no ano de 1922, de um Farol de Lampejos, sobre o Serrote de Jericoacoara.

Mencionada providência viera do Ministério da Marinha, por intermédio da Capitania dos Portos do Ceará.

Entretanto, em 1952 referido farol foi substituido por um outro colocado sobre uma torre de concreto, medindo quatro metros de altura. Os trabalhos de instalação desse farol foram dirigidos pelo Capitão Jorge Leite da Silva.

A partir desse ano, a relação dos faroleiros que ali exerceram suas funções, é a seguinte: João Batista Rios, Afonso Vasconcelos Araujo, Eurico Araujo Silva, Josué Rodrigues Gifoni, Eurico Araujo Silva e Epifânio Dias, o qual exerceu o cargo até o ano de 1972.

Daquele ano até hoje, os trabalhos do farol passaram a ser efetuados diretamente pela Capitania, segundo nos informaram. Existe em Jericoacoara um encarregado de receber e colocar os tubos de gás, quando se faz necessário. Ananias Ferreira é o Encarregado atual.

E o Farol ali permanece erguido sobre o rochedo famoso. E, inabalável no seu posto, continua oferecendo orientação aos navegantes daquela área, fato que constitui um serviço de marcante relevância dispensado pelo Ministério da Marinha aos valentes que, todos os dias, enfrentam, naqueles confins do Ceará, os perigos das águas oceânicas, em curtas ou longas travessias.

O folclore, isto é, as danças e cantos do folclore, como sabemos, são a atração maior das camadas populares, não somente nos meios rurais, mas também em diversas cidades, especialmente na região nordestina.

Desses folguedos tradicionais, em suas numerosas modalidades, têm-se ocupado vultos eméritos do intelectualismo cearense, tais como: José de Alencar, Rodolfo Teófilo, Leonardo Mota, Gustavo Barroso, Juvenal Galeno, Napoleão Meneses, Nery Camelo e outros, cujos nomes já foram riscados do livro dos vivos, bem como: Florival Seraine, Eduardo Campos, Lauro Ruiz de Andrade e outros que estão na linha de frente, defendendo, enaltecendo e preservando a cultura popular em suas ramificações.

As brincadeiras demopsicológicas que se destacam com o *Reisado, o Torém, o São Gonçalo e a Dança da Aranha,* onde quer que sejam apresentadas, conseguem reunir vultosa quantidade de apreciadores.

Os cantadores ou violeiros, que o saudoso Leonardo Mota denominou de "ferrabrazes do repente versificado", assim como os quebradores de côco, são igualmente apreciados. Em regra geral, eles se exibem nos mercados, nas feiras e nas festas religiosas, onde se registram maiores ajuntamentos populacionais.

Acontece, também, que, não somente o povão, mas algumas famílias *recursadas,* contratam cantorias em suas casas, fazem convites aos amigos e a função toma um caráter familiar de importância, onde os violeiros capricham no *martelo agalopado, no quadrão e nos desafios,* afirmando-se repentistas exímios realmente admiráveis.

Aliás, a cultura popular, representada, antes de tudo, pela chamada literatura de cordel, com seus romances e histórias outras em estrofes de 6 linhas, vem sendo objeto de marcante interesse de muitas instituições culturais e da imprensa escrita, falada e televisionada. O conceituado jornal O POVO, em suas edições dominicais sempre insere o conteúdo de um desses folhetos, onde militam autênticos valores, como Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré, José Pacheco, Manoel de Assis Campina,

Sé Melancia, Manoel Caboclo, Pedro Bandeira, Raimundo Ferreira, José Tomás de Lima, e muitos outros cordelistas responsáveis por crescido número de folhetos contendo interessantes narrativas que fazem a recreaçaõ de muita gente.

Igualmente, os rádios e a televisão mantêm programas especiais, onde os violeiros se apresentam, atestando a vivacidade espantosa de sua inteligência.

O grande empenho dos órgãos de imprensa, visa, em primeiro lugar, a preservação dessas manifestações de cultura popular que, na verdade, constituem divertimentos de marcante valor para o povo, especialmente para as famílias de baixa renda que moram nas cidades, mas não podem assistir os cinemas nem frequentar os teatros, e as que residem na zona rural, onde só chegam os cantadores, e os *Reisados,* na época de suas apresentações.

Pois bem: a população de Jericoacoara também aprecia muito esses folguedos, essas diversões. De tal maneira, que ali se exibem, com frequência, mencionadas atrações do folclore, tal como nos informaram.

É assim que, vez por outra, cantorias são contratadas para entretenimento das famílias, e coquistas aparecem aos domingos, esgrimindo seus repentes em casas comerciais, na beira da praia.

Igualmente, no período que vai de janeiro até a quaresma, ali se exibe o bando do *Reisado,* com suas *figuras* principais: *o Boi, a Burra, o Bode, o Cabeçudo e o Bicho Caçador ou Cavalo Marinho.* O grupo se constitui de *Velho, Velha* e quatro ou cinco sapateadores encarregados de orientar as *figuras,* no recinto onde a função se realiza, que, em regra geral, é o terreiro da casa. Todos os figurantes se apresentam mascarados.

Em anos anteriores esses grupos vinham de Castelhano, era o *Reisado* dos "Salgueiros". Presentemente o *Reisado* é apresentado naquela praia famosa, pelos "Anas", que vêm do povoado de Caiçara.

A CAMPANHA DA PRESERVAÇÃO

AS PRIMEIRAS PROVIDÊNCIAS

A pacata Vila de Jericoacoara prosseguia em sua caminhada lenta mas normal em seu quase anonimato, com seu mar, seus morros, suas dunas e seus pescadores no labor de todos os dias, quando, em começo do ano de 1983, empresas ou pessoas, antevendo as possibilidades turísticas locais, que já começavam a ser notadas por gente de fora, e interessadas, conseguintemente, em especulações imobiliárias, iniciaram a medição indiscriminada de terrenos urbanos, que deveriam ser loteados para vendas.

Enquanto isso acontecia, outros senhores, empenhados na lavoura de coqueiros em alta escala, começaram a cercar parte da Vila.

O solo naquela área se presta admiravelmente à cultura do coqueiro, cujo fruto vem obtendo boa cotação nos mercados consumidores. Tal fato constituia motivo ponderável para que a tradicional localidade, dentro de poucos anos, se tornasse um belo coqueiral, com suas palmas balançando ao sopro do vento mari-

nho, e, "fazendo lembrar", em seu perene movimento, asas de enorme pássaro pré-histórico", como diz o poeta.

O POVO, edição de 07.12.83, registrava: "Pescadores de Jericoacoara denunciaram junto às autoridades de Acaraú, que pessoas estranhas estavam cercando terras nas proximidades do povoado".

E a revista MANCHETE estampava notícia mais alarmante: "Cercas de arame esquartejaram as dunas próximas da vila, indo até o mar". E acrescentava: "Uma cerca parte o cemitério ao meio".

Ao mesmo tempo a pesca predatória iniciou a invasão daquele pedaço de mar escondido no extremo setentrião do Ceará. Grandes barcos de arrastão, na procura de camarões maiores, matavam toneladas de peixes miúdos que eram deixados na praia, para repasto de urubus e carcarás.

E a população pobre que sobrevive da pesca, assistia, revoltada e impotente, os estragos praticados contra a fauna marítima local, fato que lhe ocasionava incalculáveis prejuízos e ameaçava a sua própria subsistência.

Sucedeu, entretanto, que o Vereador pelo Município de Acaraú, João Jaime Gomes Marinho de Andrade, ou simplesmente João Jaime Neto, um jovem de 23 anos, que cursa a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, tomou a sério o apelo que então lhe foi dirigido pelos pescadores de Jericoacoara.

E tomou a sério, sobretudo, pelo desejo de amparar aquela gente tão carente naquele momento, e porque aquela enseada, pela sua beleza natural e pelas suas características próprias, constituia, como constitui, talvez a mais importante atração turística do litoral cearense.

João Jaime Neto teve, de imediato, o apoio integral de seu tio João Jaime Ferreira Gomes Filho, Prefeito Municipal de Acaraú. E os dois passaram aos fatos, para ajudar aos pescadores ameaçados pela pesca clandestina, e para defender e preservar "a jóia mais rara do verão. Aquele belo lugar à beira-mar, onde a paz é acentuada pela preguiçosa presença das jangadas, e a beleza

das areias é reforçada por formações rochosas que chegam a compor um arco quase perfeito", tal como registra a revista "Veja", em sua edição de 8 de fevereiro de 1984.

A Câmara de Vereadores de Acaraú, igualmente, e por unanimidade de seus componentes, pôs-se ao lado do jovem licurgo, para o bom êxito da campanha encetada.

O Lions Clube de Acaraú, consoante seu programa de ação, não somente aplaudiu o empreendimento, mas também entrou a colaborar, para que o mesmo conseguisse os resultados almejados.

Em data de 31 de julho de 1983, o Prefeito João Jaime Filho assinou o Decreto nº 03/83, declarando de utilidade pública a praia de Jericoacoara. Em decorrência desse diploma legal, a partir daquela data nenhuma construção ou destruição poderia ali ser praticada, sem autorização do poder municipal.

Os efeitos desse decreto, porém, seriam apenas preventivos. Faltava um ato do Governo Federal, considerando aquela praia uma área de preservação ambiental, para assegurar a integridade do local e garantir-lhe o equilíbrio ecológico.

O deputado Cesar Cals Neto, então Prefeito de Fortaleza, emprestou sua valiosa colaboração ao tentame, autorizando a SUPLAN a prestar assessoria ao Projeto em tela.

Entre os fatores de ambiente físico que justificaram a elaboração do "Projeto Jericoacoara", sobressai a "presença de um extenso campo de dunas móveis à borda dos tabuleiros litorâneos, cujas encostas talhadas principalmente pelo trabalho das vagas, formam falésias de grande beleza natural: trata-se da Formação Barreiros com sedimentos areno-argiloso de cromaticidade variada, predominando o branco, o amarelo e o rosa-vermelho".

E adianta o redator do Projeto: "Jericoacoara, provavelmente é ainda o último rosário de dunas virgens do Ceará. Elas formam uma verdadeira cordilheira até a praia, onde os contrastes da natureza surpreendem. São noventa quilômetros quadrados de terras virgens, onde voam aves em extinção, e o mar batendo nas pedras faz milagres, como o portal que virou símbolo do lugar. A

água doce brota na areia da praia e a caatinga do Serrote se mistura com os coqueiros da mesma praia". E continua: "Jericoacoara é protegida por um cinturão de dunas que vistas de longe parecem morros de açúcar".

Em novembro de 1983, a Câmara Municipal de Acaraú deu aprovação ao requerimento do Vereador João Jaime Neto, para a implementação da mencionada Área de Proteção Ambiental de Jericoacoara. Isto se deu na conformidade do que prescreve a Lei nº 6902, de 27 de abril de 1981. Tal fato o poder legislativo de Acaraú comunicou ao dr. Renato Aragão, Representante no Ceará, da Secretaria Especial do Meio Ambiente, em ofício datado de 19 de novembro de 1983.

A luta prosseguia sem tréguas, procurando e conseguindo apoio de órgãos e autoridades que se mostravam sensíveis aos apelos e convites que lhes eram formulados, visando ao bom êxito do arrojado cometimento.

Em setembro de 1984 foi celebrado um Convênio entre a Secretaria Especial do Meio Ambiente e a Prefeitura Municipal de Acaraú, objetivando o estudo sobre o zoneamento ecológico territorial da área a ser protegida.

Referido Convênio, em onze cláusulas, estabeleceu as diretrizes que deveriam ser observadas, para a preservação da área ali mencionada, bem como as providências cabíveis a cada uma das partes conveniadas, para perfeita execução do Projeto. Essas medidas apresentavam-se realmente oportunas, enquanto era aguardada a assinatura do decreto federal, pelo Presidente da República. Esse decreto constituiria o vitorioso coroamento da memorável campanha.

Apesar de tudo, como sói acontecer, a comunidade de Jericoacoara estava seriamente preocupada com a segunda invasão de seus domínios, agora por terra, pois o primeiro o fora por mar, há quase quatro séculos.

Entretanto a campanha continuava em diversas frentes e sob diversos aspectos. Placas foram afixadas; milhares de camisas com fotos coloridas de Jericoacoara foram distribuidos entre estu-

dantes e pessoas diversas; anúncios foram estampados em jornais, contendo apelos sobre a preservação da praia histórica. Exposição de fotografias ampliadas a cores, em quadros plastificados, de vários pontos pitorescos da praia, foram feitas. Viagens foram efetuadas ao Rio de Janeiro e Brasília, para entendimentos com autoridades ligadas ao problema. E outras providências iam sendo tomadas, dentro do programa traçado, até apelos escritos nas velas das canoas.

Órgãos do governo e entidades culturais interessadas no incremento do turismo, no Estado e no País, passaram a empenhar-se em favor da praia famosa. Então Jericoacoara ia recebendo visitas de geógrafos, topógrafos, ecologistas, historiadores e outros. Uns para estudo da área e de seus habitantes; outros para apreciar os encantos naturais daquela maravilha que revistas do sul do País chamaram paraiso; e ainda outro pra lazer e por curiosidade.

João Jaime Neto definiu assim seu obietivo: "Contabilizar o desenvolvimento econômico e social com a preservação da qualidade do meio ambiente e do equilíbrio ecológico".

Esse jovem que, antes de tudo, é um apaixonado pela terra acarauense, numa entrevista que nos concedeu, informou que conheceu Jericoacoara em julho de 1983, e ficou deslumbrado pelas maravilhas dessa praia privilegiada.

E, quando mais tarde aquela comunidade o procurou para defender sua baia ameaçada, não pensou duas vezes; integrou-se na causa. Adiantou, porém, que "as forças antagônicas", isto é, aqueles que teimavam em pretender aproveitar Jericoacoara para fins lucrativos, era gente rica e de notável prestígio social e político.

Tanto que elementos pertencentes a essas forças chegaram a aconselhá-lo a desistir de seu intento, porque ele "era apenas um vereadorzinho de Acaraú".

Assim repetia-se a "ânsia do mosquito, dando encontros de asa em bloco de granito", como fala Amélia Rodrigues.

João Jaime Neto, então, teve de combater em duas frentes: a primeira, era conscientizar a comunidade jericoacoarense, despertando nela um amor mais atuante pela sua terra, afim de que aquela boa gente não se deixasse corromper; a segunda, era promo-

ver uma intensa procura de apoio, de colaboração, de quem o ajudasse; fosse gente do governo, fosse gente da imprensa, fosse gente interessada pela ecologia, pela preservação da natureza.

Tentando conseguir o resultado que o problema exigia, teve ele de efetuar três viagens à Brasília. Felizmente, na capital da República ele contou com a boa vontade do dr. Paulo Nogueira Neto, a quem foi apresentado pelo dr. Renato Aragão, Representante da SEMA no Ceará, e que lhe deu efetivo apoio.

O Senador Cesar Cals de Oliveira, então Ministro das Minas e Energia, também se interessou vivamente pelo caso, apresentando o jovem licurgo acarauense ao Ministro Mário Andreazza, que igualmente manifestou sua simpatia pela solução do problema.

Em Fortaleza, João Jaime Neto fez palestras nas Universidades, apresentando fotos e slides de Jericoacoara. Isso não somente para mostrar a seus colegas universitários as belezas daquela praia famosa, mas também para interessá-los pela causa que tão ardorosamente defendia.

Na imprensa, conforme salientamos, o jovem patrício encontrou ampla cobertura, destacando-se entre outros, a brilhante jornalista Ângela Marinho, reporter do "Diário do Nordeste", que esteve dias em Jericoacoara e integrou-se virtualmente à campanha que dela recebeu uma contribuição realmente inestimável.

Com a transfluência do tempo, e graças aos efeitos de um trabalho de divulgação muito bem planejado e muito bem executado em todos os ângulos, o interesse pela defesa da praia de Jericoacoara extrapolou do Ceará, estendendo-se por quase todo o território brasileiro.

A alvissareira corroboração de tal fato, percebia-se pelo aumento, a cada dia mais elevado, de visitantes àquela maravilhosa enseada, como temos oportunidade de registrar em outra nota desta modesta monografia.

Entretanto, não obstante a simpatia que se notava pela preservação da praia famosa, o ano de 1984 já atingia o seu último quartel, sem que o esperado decreto presidencial fosse assinado.

A assinatura desse diploma legal transformaria em auspi-

ciosa realidade um sonho que com tanto entusiasmo vinha sendo acalentado, desde que o jovem Vereador de Acaraú levara à Capital da República seu Projeto, em novembro de 1983.

É que lá em cima havia alguém obstaculando a marcha do processo de preservação.

Sim. Um serviço de sabotagem igualmente bem organizado, vinha agindo no sentido de que a burocracia fosse procastinando seu andamento até o Palácio do Planalto.

Os organizadores não contavam com a tenacidade de um jovem inteligente e teimoso, que abraçara uma causa justa e pretendia levá-la à bom termo, a despeito de quaisquer impecilhos que se lhe antolhassem à passagem.

E João Jaime Neto, mais uma vez bateu a porta do Ministro Cesar Cals de Oliveira. E este o atendeu de pronto, designando um seu assessor de confiança para acompanhar a tramitação do processo nas seções competentes, até à instância final.

A AÇÃO DA IMPRENSA

Nessa "batalha memorável" marcou destaque especial a contribuição da imprensa escrita, falada e televisionada, que, desde a primeira hora, emprestou aos interessados pela preservação de Jericoacoara, o seu total apoio, aliás altamente valioso, se não indispensável.

A Rádio Verdes Mares, "O Povo", o "Diário do Nordeste", a "Tribuna do Ceará" e outros, bem como as revistas "Veja", "Isto É", "Manchete", "IBM", "Afinal", de repente levaram Jericoacoara e seus problemas ao conhecimento de quase todo o Brasil e até do estrangeiro. Os programas "Globo Reporter" e "Brasil de Corpo e Alma", líderes em audiência, igualmente emprestaram a sua colaboração altamente valiosa.

Tais fatos despertaram interesse geral pela baia histórica. E, em consequência, os promotores da causa passaram a receber mais apoio, o que confirmava o valor inestimável dos órgãos

de comunicação quando, pela sua atividade e pela sua seriedade, se fazem credores da integral confiança do povo.

A CAMPANHA EM MARCHA

Em outubro de 1984 os promotores da campanha, no seu justo desejo de não consentir a descaracterização daquela praia, pleitearam a instalação de energia solar na localidade, o que poderia possibilitar iluminação para as residências e fabricação de gelo para conservação do pescado.

"Diário do Nordeste", em sua edição de 30.10.84, informava: "O projeto está atualmente no Ministério das Minas e Energia, e prevê a instalação de energia solar na praia".

O Ministro Cesar Cals de Oliveira Filho apoiou integralmente a iniciativa que ainda aguarda a necessária concretização.

A Secretaria Especial do Meio Ambiente foi procurada pelo seu Representante no Ceará, Renato Aragão, o qual acompanhou o Vereador João Jaime Neto à Capital da República, para tratar do assunto.

Em sua edição de 20.10.84, "Diário do Nordeste"estampou uma notícia realmente alvissareira: "Por decisão do Secretário do Meio Ambiente, Paulo Nogueira Neto, a praia de Jericoacoara, no município de Acaraú, vai ser transformada numa Área de Proteção Ambiental. A Secretaria Especial do Meio Ambiente é o órgão máximo no Brasil, que se preocupa com a ecologia e o equilíbrio do meio ambiente".

Nos dias 19 a 22 de outubro de 1984 aquela vetusta comunidade praieira recebeu a visita de uma ilustre equipe de pesquisadores, sob a coordenação do ecólogo e biogeógrafo alemão Josef Georgen.

Mencionada comissão de cientistas compunha-se dos seguintes pesquisadores: engenheiro agrônomo Afrânio Gomes Fernandes, geóloga Claudia Maria Magalhães, engenheiro químico Ralf Pohling, geógrafos Inácio José Crisóstomo e José Átila Aus-

tregésilo. Esses cientistas em seus trabalhos ali tiveram a colaboração das estagiárias Maria Inez Mapurunga, Liduina Siqueira e Marta Celina Linhares.

A missão desses pesquisadores recebeu o apoio da UFC, do Conselho Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, da UEC e da SUDEC. Suas pesquisas abrangeram uma gama de estudos e observações, tais como: clima, solo, ambiente, flora, fauna, diagnóstico da paisagem, recursos hídricos, costumes da população, etc.

O DECRETO FEDERAL

O tempo decorria e a luta em defesa de Jericoacoara continuava. Até que, em data de 29 de outubro de 1984, o Presidente João Batista de Oliveira Figueiredo assinou o esperado Decreto que tomou o nº 30.379, transformando a praia de Jericoacoara na primeira Área de Proteção Ambiental do Ceará e a segunda do Nordeste.

"Diário do Nordeste" inseriu a grande nova sob o título "Vitória da Natureza". E acrescentava: "O decreto presidencial é o resultado de uma luta iniciada em julho de 1983, quando o Vereador de Acaraú, município sede da praia, João Jaime Gomes Marinho de Andrade encaminhou à Câmara um projeto de preservação da área".

Era, na verdade, o triunfo de um empreendimento oportuno e meritório, e o coroamento de uma campanha que, pelo seu elevado sentido patriótico e humano, merece especial relevo na história de Jericoacoara.

Parabéns aos paladinos desse cometimento, na pessoa do Vereador João Jaime Neto, que, com sua obstinação e seu espírito de luta, provou a sua fibra de jovem idealista, sério e capaz, e a quem nunca faltou o apoio integral do Prefeito João Jaime Filho.

JERICOACOARA ATUALMENTE

OS TURISTAS

Atualmente a praia de Jericoacoara constitui um dos mais procurados pontos turísticos do Nordeste brasileiro.

O "Jornal das Multidões", em sua edição de 24 de dezembro de 1984, já noticiou: "Os turistas dos *bugres,* há quatro anos, baixam em enxames sobre o povoado, sedentos de consumir essas maravilhas, como a pedra que enche e se esvazia no mesmo compasso da respiração do mar. A furna encantada, com um salão aberto à barlavento e um corredor a sotavento.

E em outra edição: "Os turistas vêm de fora, para passar fim-de-semana. Do Rio, de São Paulo, de Fortaleza, da Argentina, de Israel, da França, dos Estados Unidos. Tem turista que gosta e fica. Outros que até botam casa".

Acrescentamos, tendo por base informações dignas de crédito, que, nesta época do ano, o movimento de visitantes é tão intenso, que há sábados em que passam pela cidade de Bela Cruz,

rumo àquela povoação praiana, dez, vinte jipes e motocicletas lotados, especialmente de jovens.

E é deveras apreciável o derrame de dinheiro feito por esses passeiantes. Tanto que alguns comerciantes de Bela Cruz estão gostando muito, porque grande maioria de turistas ali se abastecem de comidas, bebidas, cigarros e até vasilhame de cozinha.

Em Jericoacoara eles se *arrancham* em qualquer parte. Comodidade e conforto não interessam. Para passarem as noites, alugam armadores em casas residenciais; armam barracas de campo na praia. Outros preferem o leito das canoas postadas à beira-mar.

Uns não falam português, porém, por meio de mímicas e sinais, conseguem se comunicar com a população local, que aos poucos vai entendendo.

O que na verdade desejam mesmo, é fruir a salubridade do clima e apreciar as belezas daquela maravilha que a natureza oferece a todos gratuitamente.

Em consequência disso, registra-se ali um bom movimento comercial, porque está correndo dinheiro fácil, de vez que os visitantes não regateiam nem economisam. Pelo menos em sua maioria.

Entretanto, se faz preciso cautela e vigilância das famílias locais, no sentido de evitar que maus costumes e maselas porventura trazidos por alguns turistas, cheguem a prejudicar aquela gente simples, especialmente aos jovens, que mais facilmente se deixam influenciar e empolgar por novidades e inovações que vêm de fora, sem a necessária prudência.

ITINERÁRIOS

Para quem vem de Fortaleza, os itinerários para chegar à Baia das Tartarugas são os seguintes: Pela cidade de Acaraú, via Cruz, até a "Praia do Preá", pela estrada existente, num percurso de 54 km, com tempo de 90 minutos, em qualquer viatura, mesmo ônibus; daí à vila Jericoacoara, pela orla marítima, em *bugre* ou

qualquer outro veículo pequeno com tração nas 4 rodas, num percurso de 14 km, com tempo de 30 minutos. Ou pela cidade de Marco, a partir do "Triângulo", via Bela Cruz, até o povoado de Gijoca, pela rodovia existente, em qualquer viatura, em um percurso de 66 km, com tempo de 2 horas e 20 minutos; e de Gijoca à Jericoacoara, em carros pequenos com tração nas 4 rodas, num percurso de 14 km, com tempo de 90 minutos.

Na época invernosa, com rio cheio, o roteiro partindo da cidade de Acaraú, sofre uma alteração, porque o transporte de Acaraú a Cruz então é feito em canoa motorizada, cujo percurso soma 10 km, aproximadamente, com tempo de 2 horas.

Aliás, para quem viaja da cidade de Acaraú, há uma outra opção: tomar uma lancha motorizada, no porto fluvial de "Outra Banda", que é um bairro desta cidade. Viaja, então, pelo Rio Acaraú, até a boca da barra. Daí segue margeando a costa, em água rasa. Vai assim, apreciando as praias de "Coroa GRANDE", "Praia do Monteiro", "Marambaia", "Praia do Zé Ferreira", "Barrinha", "Praia do Preá", "Rancho do Peixe", e, finalmente, a praia de Jericoacoara, com sua beleza indescritível. Nesse roteiro, a distância é de 24 milhas, com três horas de viagem.

O PINTOR XICO ALBUQUERQUE

Achamos oportuno registrar aqui, para mostrar o interesse que a baia de Jericoacoara vem despertando mesmo entre os artistas, que, de 16 a 28 de abril de 1985, o apreciado fotógrafo cearense Xico Albuquerque, considerado um dos grandes mestres da arte fotográfica no Brasil, como diz o jornal O POVO, de 14.04.85, inaugurou em São Paulo, no "Museu da Imagem e do Som", a "Exposição Jericoacoara", reunindo fotos em cores da praia e de sua comunidade, e destacando vários aspectos primitivos.

MINI - MATERNIDADE

Maugrado a deficiência de alimentação da população

de Jericoacoara, em sua grande maioria, como acontece em toda a nossa orla oceânica, os pescadores daquela enseada são fortes e musculosos.

Essa robustez é característica dos homens que trabalham no mar. É o exercício diário, através de anos seguidos, enfrentando as correntes marítimas, muitas vezes nadando a braços, que proporcionam ao pescador essa pujança admirável, que também lhe vem de seu alimento-base, que é o peixe, com suas excelentes qualidades nutritivas.

Aliás, sucede que se adolescentes e adultos daquela paragem possuem esse vigor, tal fato não é devido unicamente à alimentação píscea, mas também ao sol praieiro que constitui um eficiente fator de vida sadia, porque ele próprio é saúde e vida.

O eminente escritor Pompeu Sobrinho, em "O Ceará", 3ª ed. p. 23, informa que "as nossas praias criaram uma população relativamente vigorosa". E adianta: "A abundante alimentação de peixe explica este fato".

Sucede que a abundância já passou. E conquanto naquela praia o pescado não seja difícil, a comunidade jericoacoarense não pode prescindir de assistência médico-sanitária, o que ninguém ignora.

Todavia acontece que, em consequência de sua localização e de sua dificuldade de acesso, a Vila de Jericoacoara, apesar de sua vetustesa e de sua categoria de sede distrital, quase nada tem recebido no que diz respeito aos serviços de saúde, melhormente, assistência dos órgãos de saúde do governo.

Com efeito, afora um Posto da SUCAM, ali instalado, em residência particular, para prevenção e tratamento de malária, aquela comunidade não tem sido contemplada com qualquer benefício neste setor, além de vacinações ocasionais contra Paralisia Infantil, Meningite, etc.

E foi, provavelmente, sentindo a necessidade imperiosa de que alguma cousa devia ser feita, alguma providência devia ser tomada, para tentar, ao menos em parte, solucionar esse importante problema coletivo, que o jovem Jão Jaime Neto e o Prefeito João Jaime Filho resolveram implantar naquela Vila uma institui-

ção assistencial de saúde. E o fizeram em março de 1984. Essa instituição teve a denominação de "Fundação José Filomeno Ferreira Gomes".

E assim pensando, iniciaram a consecução de seu objetivo, por um posto de amparo à mãe e ao recém-nascido, justamente o que de mais necessitava aquela comunidade litorânea.

Entraram, então, em entendimento com a Secretaria de Articulação com os Municípios, órgão federal. E depois de afanoso trabalho, conseguiram recursos da ordem de quinze milhões de cruzeiros.

Reconhecendo, no entanto, pelo orçamento elaborado, que mesma quantia era insuficiente para satisfazer as despesas a serem efetuadas com a construção do prédio destinado ao funcionamento da Mini-Maternidade, formularam, então, um grande apelo à população local, pedindo sua participação nos trabalhos.

Acreditavam, aliás acertadamente, que a obra construida em regime de mutirão, com a colaboração da comunidade, esta se sentiria também proprietária, e, consequentemente, ajudaria a conservá-la.

Desta maneira, com a ajuda efetiva do povo, a obra foi começada em 30 de outubro de 1984. E, oito meses depois, isto é, em junho de 1985, estava praticamente terminada, faltando apenas o equipamento necessário.

O dr. Lincoln Ferreira, Gerente da "Eucatex", fez doação das portas e do forro do prédio.

E, na conformidade da respectiva planta, conta a Mini-Maternidade nove dependências, que são as seguintes: Uma sala de espera, um consultório médico, uma sala de pequenas cirurgias, uma sala de pré-parto, com 2 leitos, uma sala de pós-parto, com 3 leitos, uma sala de parto, cozinha e dois banheiros completos.

O modelo de parto a ser ali adotado é o chamado parto natural, o mesmo preferido pelo saudoso médico obstetra acarauense, dr. Galba Araujo, que foi um grande incentivador dessa idéia tão oportuna e meritória.

Para o seu funcionamento normal, contará essa unidade

hospitalar e assistencial com três parteiras práticas treinadas na "Maternidade Escola Assis Chateaubriand". Mencionadas *assistentes* farão os partos considerados normais.

Todas as semanas, dois médicos, com a supervisão do dr. Raimundo Nonato Fonteles, examinarão as gestantes assistidas pela Mini-Maternidade. Se detectarem algum possível perigo do parto, a gestante será transferida para o hospital de Acaraú. Se nada constatarem de anormal, ficará ela ali mesmo, sob os cuidados das parteiras locais.

Pronto, o estabelecimento terá capacidade para 60 partos mensais.

Na conformidade do regulamento já elaborado, a assistência às mães começa no 2º mês de gravidez e termina um ano após o parto, pois o trabalho assistencial também será prestado ao recém-nascido.

Com a finalidade de lhe facilitar o direito de receber subvenções da Prefeitura Municipal, o Prefeito João Jaime Filho, em data de 18 de abril de 1985, assinou nº 609, da mesma data, e que considera de utilidade pública a "Jericoacoara Sociedade de Assistência Materno-Infantil", entidade que superintende a Mini-Maternidade.

UM POUCO DE HISTÓRIA

PINZON

A enseada de Jericoacoara, que limita no mar a costa cruzense com o município de Camocim, tem lugar de especial relevância na história do Ceará e até do Brasil.

Para registrar algumas notas sobre os fatos históricos acontecidos naquela praia, no transcorrer dos anos e dos séculos, achamos conveniente começar pelo primeiro navegador que cruzou o oceano e pisou a costa brasileira no Ceará.

É que, como é sabido, em dezembro de 1499 o mareante espanhol, Vicente Yanez Pinzon — o mesmo que comandara o navio "Nina", da frota de Cristovão Colombo, quando este viera descobrir a América — "zarpou do porto de Palos", chefiando uma flotilha de quatro caravelas, e veio aportar em um ponto qualquer do litoral brasileiro, antes que o jovem almirante português, Pedro Alvares Cabral, desse por descoberto oficialmente este maravilhoso País do Cruzeiro.

Pinzon não conseguiu oficializar seu descobrimento, "embora de prioridade indiscutível", como diz o historiador Raimundo Girão, em sua "Pequena História do Ceará". Isto em consequência do Tratado das Tordesilhas, celebrado a 7 de junho de 1499, entre os governos de Portugal e da Espanha.

Sim, porque, por força desse acordo internacional, de polo a polo, pertenciam a Portugal todas as terras distantes 370 léguas a leste das Ilhas do Cabo Verde. E o Brasil está dentro desse limite.

O nauta castelhano batizou a praia brasileira por ele descoberta, de "Cabo de Santa Maria de La Consolacion", possívelmente em cumprimento de promessa feita em alto mar, quando enfrentava o perigo das ondas tumultuosas e apavorantes.

Cruz Filho ("O CEARÁ", 3ª ed. p. 34) acha que "deveríamos erigir um monumento a Vicente Yanez Pinzon — o verdadeiro descobridor do Brasil".

Ocorre que alguns historiadores opinam por que o desembarque do intrépido navegador de Castela teria se dado na praia de Mucuripe, em Fortaleza.

Dorian Sampaio ("Eu, Fortaleza", p 9) depois de afirmar que "antes de Pedro Alvares Cabral haver fundeado suas caravelas na enseada de Santa Cruz, o navegador espanhol Vicente Pinzon no brasilio solo já pisara", acrescenta: "Fê-lo no Nordeste Setentrional, justamente no Ceará. Mais precisamente em Fortaleza, na enseada do Mucuripe, que tão bela achou que a batizou de Rostro Hermoso".

Valdery Uchôa corrobora: ("Anuário do Ceará", ed. de 1952, p 11) "26.IV.1500 — Chegada de Vicente Yanez Pinzon à ponta de Mucuripe".

Tomás Pompeu Sobrinho identificou a praia visitada pelo navegante espanhol como "Ponta Grossa" ou "Jabarana", no município de Aracati.

Entretanto, outros historiadores igualmente respeitáveis opinam por que o desembarque se deu na "Ponta de Jericoacoara".

É assim que Francisco Adolf Varnhagen, citado por Hélio Viana, em sua "História do Brasil", 5ª ed. p 40, "preferiu dá-la como a *Ponta de Jericoacoara,* no Ceará", o que é confirmado por Raimundo Girão, o qual nos dá conhecimento de que "Varnhagen inclina-se por que o *Rostro Hermoso* encontrado por Diogo de Lepe seria o cabo de *Jericoacoara".*

O historiógrafo Guarino Alves também acha que a praia visitada por Vicente Pinzon foi a nossa Jericoacoara. É ele mesmo quem escreve na "Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História", v. IX, p 66; — "Em fevereiro de 1978 eu estive no distrito de Serrote, município de Acaraú, explorando o promontório de Jericoacoara, por mim identificado como o famoso *Cabo de Santa Maria de La Consolacion,* na viagem de Vicente Pinzon, em 1500".

E o Pe. João Mendes Lira, abalizado historiador desta região, que também esteve naquela histórica baia, estudando o assunto, afirma, sem rodeios: "Foi exatamente na *Ponta de Jericoacoara* que ele desembarcou" ("Os Sinais de Terra Vistos por Pinzon").

O ilustrado sacerdote adianta que Vicente Pinzon teria aportado em Jericoacoara "orientado pelo morro *Mucuripe,* o qual se localiza no município de Morrinhos, e mede 730 metros de altura e 15 quilômetros de comprimento. E é visto até um grau de latitude sul até Jericoacoara".

Segundo reza a história, Pinzon teria deixado ali fincada na praia "uma grande cruz de madeira". E essa cruz teria sido encontrada por Diogo de Lepe, que logo depois de Vicente Yanez também teria ancorado naquela famosa enseada cearense.

E, consoante registramos, a revista "Sua Boa Estrela", que mandou àquela localidade uma equipe de reportagem, em 1979, fala que "Jericoacoara divide com Aracati a honra de ter recebido Vicente Pinzon, antes de Pedro Alvares Cabral desembarcasse em terras brasileiras.

Acontece, aliás, que não é somente no Estado do Ceará que algumas localidades marítimas reivindicam a glória de haverem

sido visitadas pelo corajoso nauta espanhol.

Também o município de Cabo, na costa pernambucana, apoiado em notas de Pereira da Costa, reclama para si a honra dessa visita, que teria ocorrido a 26 de fevereiro de 1500, quando a expedição de Pinzon ali teria sido recebida pelos índios Caetés.

Naquela cidade praieira o navegador castelhano é reconhecido como o verdadeiro descobridor do Brasil. E a data presumível de seu desembarque é festejada condignamente todos os anos.

Consoante registra o jornal "Tribuna do Ceará", em sua edição de 27 de fevereiro de 1986, este ano a decorrência do dia precedente (26) foi comemorada festivamente pela comunidade daquele município pernambucano, que está localizado no Cabo de Santo Agostinho, do qual certamente obteve o topônimo.

O Prefeito Municipal, Elias Gomes, presidiu as solenidades comemorativas do importante evento histórico.

"Tribuna do Ceará" informa: "Além da apresentação dos *Caboclinhos Caetés* — um grupo folclórico que reproduz as danças da tribo original — houve hasteamento da bandeira espanhola, com a presença do Cônsul daquele país, Lucas Simon".

O Prefeito justificou: "O Tratado de Tordesilhas assinado entre os Reis da Espanha e Portugal dava direito legal aos lusitanos sobre a terra descoberta. Entretanto não anula o fato histórico da chegada de Pinzon em nossa costa, em fevereiro de 1500".

E, ao que registra a notícia, o edil Elias Gomes terminou seu discurso, afirmando, orgulhoso e categórico: "O Brasil foi descoberto em nosso município".

POVOAMENTO

Com referência aos fundadores e povoadores do município de Acaraú, o emérito historiador Barão de Studart, aceitando antiga tradição, informa que foram pescadores oriundos do sul. ("Geografia do Ceará", p 317).

Mencionados pescadores, ao que registra o egrégio historiógrafo, de início se localizaram na ilha denominada "Presídio" vizinha ao antigo porto de "Cacimbas".

Todavia, posteriormente se passaram para o local onde se acha encravada a hoje cidade de Acaraú, cujo terreno se prestava e se presta ainda à construção de casas residenciais.

Outro ilustre historiador, o cearense Gustavo Barroso, aludindo ao povoamento do Ceará, afirma que o mesmo se processou "ao longo dos rios, o gado acompanhando o homem e até o precedendo".

E, como que confirmando essa assertiva, Pompeu Sobrinho, ("O Ceará", 3ª ed. p 17), adianta que a criação de gado "era a única indústria capaz de vingar nos longínquos sertões do Nordeste, ao início da colonização".

O poeta-historiador Cruz Filho também corrobora: "O povoamento do território do Ceará foi impulsionado pelo estímulo da indústria pastoril". E acrescenta: "Iniciada pelo litoral, a invasão branca foi-se difundindo depois potamocentricamente, a pouco e pouco, pelos sertões, ao sabor da concessão de sesmarias".

E Luiz da Câmara Cascudo concorda: "Quase todos os municípios nordestinos nasceram nos pátios das fazendas de criar".

Ora, o rio Acaraú que, pela extensão de seu curso e pela sua capacidade hidrográfica, é o segundo do Estado do Ceará, muito provavelmente foi procurado pelos pecuaristas de então, para o estabelecimento de suas fazendas.

Daí, provém a opinião de alguns escafrandistas da história, de que os primeiros habitantes deste município não foram somente os pescadores; criadores de gado também formaram em primeira linha, entre aqueles que iniciaram o povoamento desta unidade cearense.

Aliás, o historiador Renato Braga fala de "donos de currais de gado e currais de peixe. Donos de bois e de jangadas" ("Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará", p 41)

O TOPÓNIMO

Depois deste dispensável preâmbulo, vamos inserir algumas notas alusivas aos primeiros povoadores de Jericoacoara. São apontamentos colhidos na tradição oral e em alguns registros feitos por historiadores eméritos.

A Revista do Instituto do Ceará, Tomo III, p 108, nos dá ciência de que "a 14 de junho de 1614, o Capitão Manoel de Sousa Eça, que acabara de repelir uma investida das forças francesas ao Fortim de Nossa Senhora do Rosário, naquela enseada, necessitando de munições e receiando ser atacado no dia seguinte, fez reduzir a pelouros os pratos de estranho que encontrou no arraial".

Como é sabido, aqui no Brasil a palavra arraial significa aldeia, povoado, etc.

Assim, naqueles remotos tempos, Jericoacoara já contava um número de habitantes suficiente para merecer a denominação de arraial. Está claro.

O que em verdade não sabemos, é a procedência da gente que então povoava aquela afastada localidade marítima.

O Padre João Mendes Lira, em seu trabalho "Os Sinais de Terra Vistos por Pinzon", de que já falamos, nos dá conhecimento de que "as contínuas paradas de barcos no local, criaram alguns núcleos populacionais".

Mas, Jericoacoara se localiza bem distante da Ribeira do Acaraú, na qual, possivelmente, criadores de gado iam instalando algumas fazendas. E nem os rebanhos bovinos se adaptariam, como não se adaptam àqueles terrenos pontilhados de dunas, com uma pastagem inadequada e precária.

É de crer ou de supor, por tudo isso, que os primitivos povoadores daquela área fossem pescadores, mesmo porque essa seria a profissão conveniente à população local, embora a tradição assevere que naquelas "priscas eras que bem longe vão", existiam ali muita caça e muita fruta.

Com atinância às raças componentes da população que na época morava naquela praia, é provável que predominassem os nativos, formando um amálgama com passageiros de embarcações que ali faziam paradas, e que porventura se deixavam ficar, por diferentes motivos.

É possível também, que pessoas outras, viajando por terra, se fossem misturando aos residentes da localidade, aumentando, assim, o contingente alienígena, e formando, consequentemente, a população heterogênea que integrava a comunidade nascente.

E, daqueles tempos até os nossos dias, o efetivo demográfico de Jericoacoara, sem a participação de imigrantes nacionais ou estrangeiros, foi aumentando gradativamente, se bem que, por igual, no decurso dos anos, se vem registrando a saída de muita gente, especialmente jovens que procuram meios adiantados, e, portanto, capazes de lhes oferecer facilidades de trabalho e instrução. Eles almejam uma vida mais digna; buscam ambientes que lhes possam garantir um futuro consentâneo com seus ideais e com o entusiasmo próprio de sua idade.

Igualmente, tal como já dissemos, muitas famílias, dali

se têm retirado, à procura de ensino mais desenvolvido para seus filhos.

Consoante os números registrados pelo Recenseamento Geral do Brasil, efetuado em 1980, a população da Vila de Jericoacoára contava, a 1º de setembro daquele ano, 731 pessoas.

Presentemente, entretanto, o montante demográfico daquela comunidade litorânea, não consegue atingir setecentas pessoas, fato que confirma o êxodo a que já fizemos referência.

Com atinência aos hábitos e costumes do povo de Jericoacoara, não são diferentes dos de qualquer comunidade praiana do Nordeste brasileiro.

De igual maneira são o nível educacional, o padrão moral e a qualidade das aspirações.

O FORTE DO ROSÁRIO

Após as discutidas visitas dos aventureiros castelhanos a Jericoacoara, de que falamos em nota precedente, os "obstinados operários da História" nos dão ciência de que outros desembarques efetivamente ocorreram naquela longínquo porto marítimo.

Se não vejamos. O historiador F. Sadoc de Araujo, em sua "Cronologia Sobralense", v I, p 20, registra que "em 12 de julho de 1612, a expedição dos franceses De Razilly e De la Ravardiere que, com seus três navios *Regente, Carlota e Santa Anna,* saiu do porto de Cancale a 19 de março, para conquistar o Maranhão, aporta na Ponta de Jericoacoara (Baia das Tartarugas), onde permaneceu por doze dias, ocupando-se na caça e na pesca".

Ainda em princípios do século dezessete, aquela paragem foi teatro de importantes acontecimentos, em os quais o Capitão Jerônimo de Albuquerque figura como protagonista maior.

Realmente, segundo o "Dicionário Geográfico, Histórico de Descritivo do Estado do Ceará", de Alvaro Gurgel de Alencar,

ed. de 1939, p 210, "aí, em 1611, já esteve ancorada a esquadrilha de Jerônimo de Albuquerque, quando foi expulsar os franceses do Maranhão. Aí, em 1613, o mesmo Jerônimo de Albuquerque lançou os fundamentos duma povoação denominada N.S. do Rosário". Outro historiador de renome, o Dr. Raimundo Girão, informa que na ocasião Jerônimo de Albuquerque construiu também uma pequena capela, notícia repetida na "História do Ceará", de R. Batista Aragão, 1º v. p 40.

Outro vulto eminente da história, o escritor Carlos Studart Filho, ("Páginas de Histórias e Pré-história, ed. 1966, p 186) fala assim: "Adotando o gênero de construção de certa forma obrigatório naquelas regiões difíceis do Nordeste brasileiro, ali fez Jerônimo de Albuquerque levantar uma estacada de pau-a-pique a que deu o nome de Fortim de N. S. do Rosário".

E o venerando historiógrafo Rocha Pompo, em sua "História do Brasil", V. III, p 659, ratificando tais afirmativas, também informa: "Jerônimo de Albuquerque, tendo ido à Camocim e examinado aquela paragem, não se sabe bem porque, entendeu de voltar atrás até a Baia das Tartarugas (Jericoacoara), onde fundou o Forte do Rosário. Ali esperou inutilmente por Soares, até que, suspeitoso dos índios, e sentindo escassearem-se-lhe os recursos, guarneceu o forte com 40 homens e retirou-se, por terra, para Pernambuco".

O Cônego F. Sadoc de Araujo com mais detalhes: "1º de junho de 1613. Vendo Jerônimo de Albuquerque que Martim Soares Moreno não retornava a Jericoacoara, desconhecendo seu destino, retorna a Recife, deixando o Fortim de N. S. do Rosário sob a chefia de seu sobrinho de igual nome".

B. Studart, em seu brilhante trabalho intitulado "Comemorando o tricentenário do Ceará", p 159, oferece igualmente circunstanciados informes sobre o assunto: "Compreendendo Jerônimo de Albuquerque a necessidade de regressar, e mandando a gente de guerra por mar, voltou por terra, não se tendo descuidado de guarnecer de soldados o Forte de Nossa Senhora do Rosário, de cuja comandância encarregou o próprio sobrinho. Era um posto

de grande responsabilidade, pois que Jericoacoara desafiava a visita dos corsários estrangeiros, para o resgate de diferentes drogas, e estava à mercê das investidas dos naturais, que, conhecedores das precárias condições de sua guarnição, por mais de uma vez tentaram trucidá-la, como aconteceu em 1614, quando 300 deles se abalançaram a esse intento, sendo, todavia, repelidos, com grande mortandade, apesar da penúria de sua guarnição, que havia meses só se alimentava de ervas do mato. Para acudir a esses apertos e como socorro à guarnição, foi que Gaspar de Sousa expediu a 28 de maio, um caravelão com 300 homens, sob o comando de Manoel de Sousa Eça, que chegando ali a 9 de junho, trazendo um carregamento de víveres e pólvora, teve logo de medir-se com os Franceses de Du Prat, inflingindo rigoroso castigo à sua audácia".

Para melhores esclarecimentos aos leitores porventura interessados no assunto, isto é, interessados em conhecer essas sangrentas ocorrências, registramos a seguir umas notas apanhadas na Revista do Instituto do Ceará, Tomo VIII, ps. 108/109: "1614 — 18 de junho. Chega a Jericoacoara, de uma para as duas horas da tarde, um navio frnacês, de duzentas toneladas, mais ou menos, sob o comando do sr. du Prat (os índios chamavam Coryma), trazendo a seu bordo trezentos homens, para a colônia do Maranhão e doze missionários capuchinhos, entre os quais Frei Arcângelo de Bembrock. Vinha do Ceará, onde teve notícia da existência do Forte do Rosário".

"Tentando du Prat apoderar-se do forte, para o que fez desembarcar cerca de duzentos soldados, com Capitão, Alferes e Sargento, saem-lhe ao encontro dezoito homens, tendo à sua testa Manoel Eça e o Capitão Jerônimo de Albuquerque, os quais derrotaram completamente os assaltantes, obrigando os que sobreviveram a fugir precipitadamente para o navio, com perda de mais de doze mortos e cerca de trinta feridos".

"Esperando ser atacado no dia seguinte, Manoel Eça, a quem faltavam as munições, fez reduzir a pelouros os pratos de estranho que encontrou no arraial, mas nessa madrugada o inimigo fez-se à vela para o Maranhão, sem mesmo ter feito a guarda".

"A história deve registrar os nomes dos principais soldados que tomaram parte na defesa do presídio. Foram eles os Capitães Manoel Sousa Eça e Jerônimo de Albuquerque, Alferes Cristovão Selares, Sargento Baltazar Fernandes Barreiros e Cabos de esquadra Simão Fernandes Botelho, Manoel Dias Guoteros e Francisco Araujo Moura".

O Padre-escritor Antônio Vieira (O POVO, de 20.06.85) afirma que "Acaraú foi um irresistível baluarte de resistência à dominação francesa, no Forte de Nossa Senhora do Rosário, nas praias de Jericoacoara, reproduzindo, com mais heroismo, o feito de Leônidas com 300 espartanos contra 10.000 persas, nos desfiladeiros das Termópilas".

Consoante nota já transcrita, o historiador Rocha Pombo, diz que não se sabe bem porque o Capitão Jerônimo de Albuquerque deixou Camocim, para construir seu reduto na enseada de Jericoacoara.

Muito provavelmente a preferência do chefe pela Baia das Tartarugas, foi dada em decorrência da facilidade de sobrevivência na localidade.

Tanto isto é aceitável, que o Historiador Raimundo Girão informa que "a expedição de Albuquerque pretendeu estabelecer base de operações no rio Camocim, porém achando a terra ali mísera, seca e sem água, firmou-se no *Buraco das Tartarugas*".

Daí, certamente, o entusiasmo do Pe. Claudio Abbevilli ("Páginas de História e Pré-história", p 186) falando de Jericoacoara: "Esse lugar é agradabilíssimo; nele abundam as frutas e a caça é numerosa".

E Carlos Studart Filho aprova (obra citada): "A predileção do chefe por aquele recanto esquecido das nossas orlas oceânicas, talvez se justificasse então de maneira diferente. Outras e bem melhores que as atuais seriam as condições de vida".

Inobstante, com o transcorrer do tempo essa apregoada fartura passou a escassear. Mesmo porque "rivalidades surgidas entre brancos e índios, tornaram difícil o abastecimento de víveres

à guarnição do Fortim. O peixe, a caça, as frutas e outros produtos que vinham sendo conseguidos da indiada entraram a escassear".

E os homens deixados pelo Capitão Jerônimo de Albuquerque para guarnecer o presídio, chegaram "à penúria extrema de se alimentar de ervas bravas durante meses seguidos", como já foi dito.

O Barão do Rio Branco, em suas "Efemérides Brasileiras" confirma mencionadas ocorrências.

Além desse infortúnio, aquele posto de defesa sofreu diversos ataques dos nativos, como também de estrangeiros.

Comenta o historiador Carlos Studart Filho: "A existência do reduto de Nossa Senhora do Rosário foi curta, mas marcada por episódios de intensa dramaticidade. Junto a seus muros desenvolveram-se lutas mortíferas entre lusitanos e naturais".

E aludindo a esses ataques dos indígenas, a Revista do Instituto do Ceará, v. 81, p 163, nos dá conhecimento de que o "presídio de N. S. do Rosário, erigido por Jerônimo de Albuquerque para conseguir a conquista do Maranhão, tornou-se alvo de suas investidas, desde a fundação".

Tal como registra a história, nessa altura dos acontecimentos, o Capitão Jerônimo de Albuquerque, pela segunda vez, mandou emissários a *Juripariaçú,* poderoso Chefe dos *Tabajaras* na Ibiapaba, tentando conseguir sua adesão, com o objetivo de levar avante o seu plano de ataque aos franceses, no Maranhão.

Infelizmente, entretanto, o belicoso cacique negou novamente sua colaboração. E informa J. Batista Aragão ("História do Ceará", 1º v. p 41) que os *Tabajaras* trataram rudemente os mensageiros de Albuquerque.

Em tais circunstâncias, sentindo-se o valente Capitão do Ceará sem possibilidades de enfrentar as hordas gaulesas no Maranhão, protelando sua viagem até ali, resolveu voltar à Pernambuco, de onde retornou à Jericoacoara em fins de setembro de 1614.

Todavia, continuando a existir as vicissitudes e adversidades com que se vinha defrontando, o Capitão Jerônimo de Albuquerque compreendeu, finalmente, que não tinha mais condições

de manter, por mais tempo, o Forte de Nossa Senhora do Rosário. Resolveu, então, desativá-lo, para que algum aventureiro que porventura ali aportasse, não viesse a utilizá-lo contra os próprios portugueses.

Acontece que o intemerato colonizador professava a Religião Católica. E, por isso, não quis destruir seu reduto, sem prestar uma homenagem à sua venerada Madrinha.

Para terminar estes apontamentos sobre o badalado posto de defesa marítima do Capitão Albuquerque, com a devida permissão, damos a palavra ao eminente historiador e mestre, Cônego F. Sadoc de Araujo, para dois registros altamente importantes sobre o famigerado reduto das forças lusitanas na costa cearense; registros extraidos de "Cronologia Sobralense", v. I, p 22:

—"5 de outubro de 1614. Festa de N. S. do Rosário. Diogo de Campos Moreno e Jerônimo de Albuquerque se encontram no Fortim de Jericoacoara, no dia da festa de sua padroeira. Frei Manoel da Piedade, capuchinho, companheiro de tropa, celebra missa solene acompanhada de cânticos, órgão e flautas. Foi a primeira missa celebrada nas praias da Ribeira do Acarau".

—"12 de outubro de 1614. Jerônimo de Albuquerque, sem condições de manter o Fortim de N. S. do Rosário de Jericoacoara, o fez demolir, e associando a si todos os defensores, fez-se à vela, prosseguindo viagem rumo ao Maranhão".

"Termina assim a história heróica do primeiro fortim levantado nas praias da Ribeira do Acaraú".

Apenas um ano depois, isto é, em 1615, as forças invasoras dos franceses foram expulsas, pelo mesmo Jerônimo de Albuquerque, encerrando-se aí a última tentativa francesa de colonização do Brasil.

A SECA DE 1614

Achamos aceitável registrar aqui uma nota extra, para informar que consoante "Geografia do Ceará", do Barão de Stu-

dart, p 254, nesse ano de 1614 ocorreu mais uma seca no Nordeste. E a tradição adianta que mencionada estiagem abalou profundamente a então incipiente economia do Ceará.

Relativamente aos chamados anos secos na região nordestina, não se tem conhecimento de quando tiveram começo essas intempéries.

Fernão Cardim, em seu livro "Tratado da Terra e da Gente do Brasil", alude à seca em Pernambuco, no ano de 1583. Gustavo Barroso, diz que as primeiras secas registradas neste Estado, ao que consta, se deram nos anos de 1603 a 1606, quando morreram de fome e sede os filhos de Pero Coelho de Sousa, coincidentemente o primeiro que tentou colonizar a terra cearense. E adianta o renomado escritor que "o fenômeno climático constringe nos tentáculos da sede e da fome todas as criaturas desse meio mutável e caprichoso, onde a única constância existente é a impavidez do homem".

"Cronologia Sobralense", de F. Sadoc de Araujo, fala das secas acontecidas nos anos de 1745, 1752 e 1754.

No defluir do tempo, muitos anos de estiagem ocorreram no Nordeste, com incalculáveis prejuízos para a vida econômica regional, inclusive mortandade de habitantes seus.

Supomos, no entanto, que a comunidade de Jericoacoara não experimentou, em sua intensidade, os desastrosos efeitos desse fenômeno climatológico.

É que a população local, como é sabido, praticamente vive do mar. E o mar quase não é atingido pelos efeitos das secas.

Todavia, temos que respeitar a opinião do escritor Osvald Barroso, de que "os peixes gostam de água doce, por isso o mar sofre também com a seca. Os cardumes não descem mais com os rios nem vêem do alto mar em busca de água doce na beira da praia". (O POVO, de 4.12.83).

Em todo caso, presumimos que a população de Jericoacoara não tem sentido em cheio, isto é, na própria carne, o cortejo de sofrimentos e prejuízos que a escassez de chuvas no tempo adequado espalha entre as comunidades atingidas por esse pavoro-

so flagelo histórico.

Aliás o curso dágua mais próximo da enseada de Jericoacoara, é o "Riacho Doce", que desagua no mar a uma distância de 25 quilômetros.

OUTROS FORTES

Consoante a palavra abalizada de historiadores eméritos, a famosa enseada de Jericoacoara, daquela época à segunda metade do século XVII, não somente recebeu visitas de corsários estrangeiros que ali desembarcaram, mas também outros postos avançados de guerra e de defesa foram instalados naqueles confins do litoral cearense. Pelo menos projetos foram elaborados neste sentido, por órgãos governamentais interessados em guarnecer aquela área, especialmente porque aquela baia constituia uma posição estratégica de marcante relevância.

"Cronologia Sobralense", v I, p 22, registra que "em março de 1622, Antônio Muniz Berredo visitou a Ponta de Jericoacoara". E Carlos Studart Filho nos dá conhecimento de que o Plano de Defesa da Província do Ceará, organizado pelo Comandante de Armas do Ceará, Conrado Jacob Niemeyer, a 27 de setembro de 1626, determina que "a enseada de Jericoacoara, geralmente notada em todas as Cartas Marítimas, e mui conhecida dos estrangeiros, deve ser fortificada com 4 bocas de fogo, e entregue a sua defesa aos desvelos de um Oficial ativo que tenha debaixo de suas vistas de Acaraú a Timonha".

Aí pelos idos de 1639/40, os holandeses levantaram em Jericoacoara um pequeno Forte, que seria naquela praia o seu entreposto de guerra, instalando ali uma base militar, para garantir seus propósitos de conquista.

Atinentemente a esse reduto alí erigido pelas forças holandesas, é ainda o historiador Carlos Studart Filho que escreve: "Jericoacoara foi também fortificada pelos holandeses, ao assenhoarem-se do Ceará, em 1639".

Confirma-o Alvaro Gurgel de Alencar, em seu "Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará", ed.

de 1939, p 210: "Aí os holandeses, aproveitando-se das vantagens de uma posição estratégica, assenhoaram-se do terreno e levantaram um pequeno forte, cujas ruinas ainda são vistas em baixa maré".

Mencionado entreposto, durante algum tempo foi comandado pelo Capitão Jacob Evers, o qual, segundo Gustavo Barroso, em 1640 "arrebanhou ai os selvícolas aliados, levando-os em auxílio aos seus compatriotas". Entretanto, em 1644 "os *Tabajaras* surpreenderam o fortim, matando todos os seus ocupantes".

Em 1655 ("Páginas de História e Pré-história", p 191) "mandou André Vidal de Negreiros levantar, na Ponta de Jericoacoara, uma fortificação permanente, como meio de facilitar as comunicações por terra, entre o Maranhão, a Ibiapaba e o Ceará, até então precárias e difíceis, por causa da constante hostilidade dos nativos contra os portugueses".

Acontece, todavia, que esse plano fracassou. Em consequência, a fortificação de Vidal de Negreiros não chegou a ser construida.

Quase dois séculos depois, isto é, em 1843, o então Presidente da Província do Ceará, José Mariano de Sousa Bitancurt, dizia em seu Relatório do Estado das Fortificações, que no local Jericoacoara já houvera uma bateria. E acrescentava: "Algumas peças que aí foram levadas para armar essa bateria, ou estão sepultadas na areia ou foram roubadas para bordo de embarcações que aí foram".

A propósito, como é sabido, o historiador Antônio Bezerra de Menezes a quem Rodrigues de Carvalho chama de "investigador tenaz, idólatra das coisas de sua terra e amante das belas-letras", exatamente há um século efetuou uma excursão pela Província do Ceará, que durou cinco meses.

Efetivamente, o Sábio Cearense, como merecidamente é congnominado, saiu de Fortaleza a 12 de setembro de 1884, no vapor *Cabral,* e retornou somente em fevereiro de 1885. E diz o biologista acarauense, José Jarbas Studart Gurgel ("Revista da

Academia Cearense de Farmácia", v. 4º p. 89) que "foi esta a mais importante viagem científica realizada no século passado, no Ceará".

Nessa viagem o grande historiógrafo informa que viu se "desdobrar pela costa fora, em toda sua majestade e selvatiqueza, o morro de Jericoacoara, sobrepujando a paisagem". ("Notas de Viagem", ed. de 1965, p. 37).

Em Camocim, que ele visitou ainda em setembro de 1884, falou assim: — "Tive ainda ocasião de ver e admirar uma peça de calibre 18, trazida, com algum trabalho, do forte de Jericoacoara, pelo sempre lembrado dr. Privat". (Obra citada, p. 41).

Provavelmente trata-se de uma das peças da bateria mencionada pelo Presidente Bitancourt.

Termina aqui a história dos fortes levantados na praia da Jericoacoara, por forças estrangeiras interessadas em apossar-se daquela famosa enseada, com finalidades belicosas.

ALEMÃES NA BAIA DAS TARTARUGAS

Consoante informações recentes colhidas *in loco,* além dos turistas estrangeiros que têm visitado a praia de Jericoacoara, e já mencionados em nota anterior, estão chegando ali passeantes oriundos de outros países, tais como: Bolívia, Itália, Uruguai, Irlanda, Canadá, Costa Rica, México, Alemanha e de outras procedências. Até do Japão.

A propósito, é bom registrar que desde a década de quarenta, a população de Jericoacoara comenta que na Segunda Guerra Mundial navios alemães, por mais de uma vez, estiveram naquela enseada, ignorando-se com que objetivos.

E o jornalista e escritor Osvald Barroso, em circunstanciada reportagem publicada no "Jornal das Multidões", edição de 14 de dezembro de 1983, nos dá ciência de que Jericoacoara era o "recanto onde os alemães escolhiam para fazer piquenique durante a Segunda Guerra Mundial".

HISTÓRIAS DE PEDRAS E FURNAS

Tal como não podia deixar de acontecer, Jericoacoara, conserva, através dos anos, suas histórias um tanto inusitadas e, às vezes, com sabor de lendas.

E a "Revista IBM", que em princípio de 1984 mandou uma equipe de reportagem àquela bonita praia, informa que "lendas é o que não falta em Jericoacoara".

Naquela enseada histórica, aqui e ali a gente encontra tocantes surpresas criadas pela natureza, quer no chamado "Serrote", quer entre os medões que existem em grande quantidade naquele recanto marítimo do território cearense, são formas variadas e pitorescas, entalhadas pelo mar e pelos ventos, que oferecem aos visitantes a impressão de pessoas, de monstros e até de castelos medievais.

Registramos aqui algumas histórias que ouvimos daquela gente simples e boa.

Preferimos falar sobre pedras e furnas ou grutas abertas nessas mesmas pedras, formadas nessas mesmas areias.

Começamos pela "Pedra Furada", de que já falamos, e que é conhecida como um símbolo da localidade. Trata-se de uma formação arenosa, onde as ondas cavaram uma passagem, formando um arco quase perfeito, justamente admirado por quantos o conhecem.

Comentam, também, que há cerca de vinte anos foi descoberto ali, em um ponto qualquer, um pó que durante muito tempo substituiu o talco e a cal.

Nossos informantes não sabem de onde esse pó era extraido. Sabem, no entanto, que as mulheres passaram a usá-lo em sua maquilagem, sem nenhum perigo. E o preço, então . . .

Alguns disseram: "a gente pensou que era uma mina da alvaiade".

O fato é que mencionado *alvaiade* era utilizado, também, para pintar paredes, com ótimos resultados.

Uma história um tanto impressionante, é a da "Pedra do

Frade". Contam que em tempos que já vão distante, exatamente à hora em que "no ocaso expira o sol todos os dias", como fala o Príncipe Antônio Tomás, aparecia, de pé sobre uma pedra muito alta, um frade que, traçando no ar uma cruz com a mão direita, abençoava os pescadores e pessoas outras, acaso ali reunidas.

Desde então essa pedra ficou sendo chamada "Pedra do Frade".

Outra história igualmente interessante e muito conhecida em Jericoacoara, é a da "Gruta do Encanto". Dessa caverna, embora localizada a poucos metros do mar, escorre, permanentemente, um fio de água doce da melhor qualidade, quer seja nos anos de invernos normais, quer seja em anos de seca. E muita gente se abastece do "precioso líquido".

Outra narrativa impressionante refere-se à chamada "Furna do Ferreiro", de que fala o nosso conhecido Joaquim Canuto. Diz o nosso informante que antigos habitantes de Jericoacoara, todas as noites ouviam sons de batidas vindos do interior da gruta. Esses sons lembravam o malhar do Ferreiro na bigorna, só que duravam horas e horas, sem parar.

Aconteceu que, certo dia, alguns pescadores, "desprezando o amor da vida", entraram na furna malassombrada. E ali rezaram muito, tentando quebrar o encanto, e pedindo para acabar as batidas que vinham amedrontando muita gente. Ouviram, então, um estrondo horrissonante, ouvido igualmente no povoado, onde garrafas cairam das prateleiras dos botecos, e até paredes se racharam em algumas casas. Mas as batidas não se ouviram mais.

Consoante registramos em nota precedente, o *historiador* Joaquim Canuto tem uma versão bem diferente desse episódio.

DOCUMENTÁRIO

Decreto nº 03/83, de 31 de julho de 1983

Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, pela Prefeitura Municipal de Acaraú, a área que indica e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de Acaraú, no uso de atribuições que lhe são conferidas pelo art. 6º do Decreto-Lei federal nº 3.365, de 21 de junho de 1941, alterado pela Lei nº 1.075, de 22 de janeiro de 1970.

DECRETA:

Art. 1º — Fica declarada de utilidade pública, para fins de desapropriação, pela Prefeitura Municipal de Acaraú, nos termos do art. 6º do Decreto-Lei federal nº 3.356, de 21 de junho de 1941, alterado pela Lei nº 1.075, de 22 de janeiro de 1970, todos os terrenos, prédios, benfeitorias e servidões existentes na

área destinada à preservação paisagística de Jericoacoara, definida conforme o croquis constante do anexo único, parte integrante deste decreto.

Art. 2º — Ficam excluidos da presente declaração de utilidade pública para fins de desapropriação, os terrenos, prédios e benfeitorias pertencentes ao Estado e à União, situados nas áreas incluidas no artigo anterior.

Art. 3º — Caberá à Prefeitura Municipal de Acaraú executar, mediante acordo, ou judicialmente, a desapropriação decorrente deste Decreto, correndo as respectivas despesas à conta de recursos destinados a esse fim.

Art. 4º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE ACARAÚ, em 31 de julho de 1983.

João Jaime Ferreira Gomes Filho
PREFEITO MUNICIPAL

DECRETO Nº 90.379

Dispõe sobre a implantação da área de proteção ambiental no Município de Acaraú, no Estado do Ceará, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições lhe confere o artigo 8º, da Lei nº 6.902, de 27 de abril de 1981, e o 32, do Decreto nº 88.351, de 1 de junho de 1983.

DECRETA: Art. 1º– Sob a denominação de APA JERICOACOARA, fica declarada área de proteção ambiental, a região situada no Município de Acaraú, no Estado do Ceará, com a delimitação geográfica constante do artigo 3º, deste Decreto.

Art. 2º – A declaração de que trata o artigo anterior, além de possibilitar às comunidades caiçaras o exercício de suas atividades, dentro dos padrões culturais estabelecidos historicamente, tem por objetivo proteger e preservar:

a) os ecossistemas de praias, mangues e restingas;
b) dunas;
c) formações geológicas da grande potencial paisagístico e científico;
d) espécies vegetais e animais, principalmente quelônios marinhos;
e) aves de rapina e praieiras.

Art. 3º – A APA JERICOACOARA tem a seguinte delimitação geográfica: Partindo do Ponto P - 00 de coordenadas geográficas latitude 2º 50' 15º sul e longitude 40º 34' 00' oeste, situado na foz do Riacho do Balseiro, na Barra do Guriú, segue à montante pela margem esquerda do referido Riacho até confluência com a Lagoa do Carapeba, onde está localizado o P - 01 de coordenadas geográficas latitude 2º 50' 20º sul e longitude 40º 32' 50" oeste; deste ponto segue com 76º rumo SE à distância aproximada de 3450m até o Alto da Testa Branca onde está localizado o P - 02 de coordenadas geográficas latitude 2º 50' 45º sul e longitude 40º 31' 10" oeste; deste ponto segue com 85º rumo SE a distância aproximada de 2100m até a ponta sul da Lagoa Grande onde está localizado o ponto P - 03 de coordenadas geográficas latitude 2º 50' 50" sul e longitude 40º 29' 6" oeste; deste ponto segue com 78º rumo NE a distância aproximada de 4950m até o ponto P - 04 de coordenadas geográficas latitude 2º 50' 20" sul e longitude 40º 27' 15" oeste localizado ao norte da Lagoa de Gijoca; deste ponto segue com 79º rumo NE a distância aproximada de 4300m até ponto P - 05 de coordenadas geográficas latitude 2º 49' 55" sul e longitude 40º 40' 50" oeste; deste

ponto segue com 29º rumo NE a distância aproximada de 2700m até a Praia do Desterro onde está localizado o ponto P - 06 de coordenadas geográficas latitude 2º 48' 40" sul e longitude 40º 25' 45" oeste; deste ponto segue rumo oeste pela linha costeira contornando o continente a distância aproximada de 21km até encontrar o ponto P - 00 marco inicial desta descrição.

Art. 4º — Na implantação e funcionamento da APA JERICOACOARA serão adotadas as seguintes medidas primoritárias:

I — zoneamento a ser efetivado através de Portaria da Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior em estreita articulação com a Prefeitura Municipal de Acaraú, as Universidades do Estado do Ceará, o Órgão Estadual do Meio Ambiente e a Secretaria Cearense de Cultura e Meio Ambiente — SOCEMA, indicando-se as atividades a serem incentivadas, em cada zona, bem como as que deverão ser restringidas ou proibidas, de acordo com a legislação aplicável;

II — utilização dos instrumentos legais e dos incentivos financeiros governamentais, para assegurar a proteção de Zona de Vida Silvestre, o uso racional do solo, e a aplicação de outras medidas referentes à salvaguarda dos recursos ambientais, quando consideradas necessárias;

III — aplicação, quando cabível de medidas legais, destinadas a impedir ou evitar o exercício de atividades causadoras de sensível degradação de qualidade ambiental;

IV — divulgação das medidas previstas neste Decreto, objetivando o esclarecimento da comunidade local sobre a APA e suas finalidades;

V — aquisição, pela SEMA, das áreas que tiverem especial interesse biótico;

Art. 5º — Na APA JERICOACOARA ficam proibidas ou restringidas:

I — a implantação ou ampliação de atividades industriais potencialmente poluidoras, capazes da afetar mananciais de água;

II — a realização de obras de terraplenagem e a abertura de canais, quando essas iniciativas importarem em sensível

alteração das condições ecológicas locais, principalmente na Zona de Vida Silvestre, onde a biota será protegida com maior rigor;

III — o exercício de atividades capazes de provocar acelerada erosão das terras ou acentuado assoreamento das coleções hídricas;

IV — o exercício de atividades que ameacem extinguir as espécies raras da biota regional;

V — o uso de biocidas, quando indiscriminado, ou em desacordo com as normas ou recomendações técnicas oficiais;

Art. 6º — A abertura de vias de comunicações, de canais, e de implantação de projetos de urbanização, dependerão de autorização prévia da Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, que somente poderá concedê-la:

a) após estudo do projeto, exame das alternativas possíveis e avaliação de suas consequências ambientais;
b) mediante a indicação das restrições e medidas consideradas necessárias à salvaguarda dos ecossistemas atingidos.

Parágrafo Único — A autorização é dada pela Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, não implicará na dispensa de outras autorizações ou licenças federais, estaduais ou municipais, porventura exigíveis.

Art. 7º — Para melhor controlar seus afluentes e reduzir o potencial poluidor das construções destinadas ao uso humano, não serão permitidas:

a) a construção de edificações em terreno que, por suas características, não comportarem a existência simultânea de poços para receber o despejo de fossas sépticas, e de poços de abastecimento de água, que fiquem a salvo de contaminação, quando não houver rede de coleta e estação de tratamento de esgoto, em funcionamento.
b) o despejo, no mar ou em outros corpos receptores, de esgotos e outros afluentes, sem tratamento adequado que impeça a contaminação das águas.

Art. 8º — Visando manter o padrão cultural e paisagístico da região, não serão permitidas construções que descaracterizem os componentes arquitetônicos locais ou que prejudiquem a paisagem regional típica.

Art. 9º — Nos terrenos de marinha, e acréscimos, conforme conceituados nos artigos 2º e 3º, do Decreto-Lei nº 9.760 de 5 de setembro de 1946, não será permitida a retirada de areia, ou de material rochoso, nem admitidas construções de qualquer natureza, com excessão de embarcadouros.

Art. 10 — Com vistas a impedir a pesca predatória, nas águas marítimas ou interiores da APA e nas suas proximidades, será dada especial atenção ao cumprimento da legislação pertinente, e das normas expedidas pela Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — SUDEP, do Ministério da Agricultura.

Art. 11 — Em casos de epidemias e endemias, veiculadas por animais silvestres, o Ministério de Saúde e a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, poderão, em articulação com a Secretaria Especial do meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, promover programas especiais, para controle dos referidos setores.

Art. 12 — Ficam estabelecidas na APA JERICOACOARA, Zonas de Vida Silvestre, destinadas, prioritariamente, à salvaguarda da biota, e cuja delimitação será explicitada no respectivo zoneamento.

Parágrafo 1º — A delimitação de que trata este artigo deverá abranger:

a) as formações de dunas;
b) as áreas cobertas pela areia;
c) os lagos e lagoas permanentes e/ou periódicos;
d) os manguezais;
e) a formação geológica denominada "Serrote".

Parágrafo 2º — As Zonas de Vida Silvestre compreenderão, também, as áreas mencionadas no artigo 18, da Lei nº 6938, de 31 de agosto de 1981, as quais, quando forem de domínio privado serão consideradas como Áreas de relevante interesse ecológico (ARIE), ficarão sujeitas às restrições de uso e penalidades

estabelecidas, nos termos do Decreto 88.351, de 6 de abril de 1934.

Art. 13 — Visando à proteção da biota, nas Zonas de Vida Silvestre, não será permitida a construção de edificações, exceto as destinadas à realização de pesquisa e ao controle ambiental.

Art. 14. — Nas Zonas de Vida Silvestre não será permitida atividade degradadora ou potencialmente causadora de degradação ambiental inclusive o porte de armas de fogo e de artefatos ou instrumentos de destruição da biota, ressalvados os casos objeto de prévia autorização, expedida, em caráter especial, pela Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior.

Art. 15 — Para os efeitos do artigo 18, da Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, consideram-se como de preservação permanente, as nascentes ou "olhos d'agua", e o seu entorno num raio de 60 metros, exceto a faixa necessária para assegurar a utilização e o bom escoamento das águas.

Art. 16 — A APA JERICOACOARA será supervisionada, administrada e fiscalizada pela Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, em articulação com a Prefeitura Municipal de Acaraú, o Órgão Estadual do Meio Ambiente, a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca — SUDEP — e a Capitania dos Portos de Fortaleza-CE.

Art. 17 — Com vistas a atingir os objetivos previstos para a APA JERICOACOARA, bem como definir as atribuições e competências no controle de atividades potencialmente degradadoras, a Secretaria Especial do Meio Ambiente, do Ministério do Interior, poderá, ainda, firmar convênios com órgãos e entidades públicas ou privadas.

Art. 18 — As penalidades previstas nas leis nºs 6.902 de 22 de abril de 1981 e 6.938, de 31 de agosto de 1981, serão aplicadas, pela Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA — do Ministério do Interior, aos transgressores das disposições deste decreto, com vistas ao cumprimento das medidas preventivas e corretivas necessárias à preservação da qualidade ambiental.

Parágrafo Único — Dos atos e decisões da SEMA referen-

tes à APA JERICOACOARA, caberá recursos ao Conselho Nacional do Meio Ambiente — CONAMA.

Art. 19 — Os investimentos e concessão de financiamentos e incentivos, de Administração Pública Federal, direta ou indireta, destinados à APA JERICOACOARA, serão previamente compatibilizados com as diretrizes estabelecidas neste Decreto.

Art. 20 — A Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, poderá designar, através de portaria, Grupo de Assessoramento técnico para implementação das atividades de administração, zoneamento e fiscalização da APA.

Art. 21 — A Secretaria Especial do Meio Ambiente — SEMA, do Ministério do Interior, expedirá as instruções normativas necessárias ao cumprimento deste Decreto.

Art. 22 — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Brasília, 29 de outubro de 1984; 163º da Independência e 96º da República.

JOÃO FIGUEIREDO
Mário David Andreazza

(Publicado no DIÁRIO OFICIAL de 30 de outubro de 1984)

OPINIÕES SOBRE "ALMOFALA E OS TREMEMBÉS"

Em "Almofala e os Tremembés" o historiador Nicodemos Araujo procurou sintetizar toda uma visão em torno de um acontecimento singular de nossa história, visto dentro de suas peculiaridades regionais.

Dimas Macedo

"Almofala e os Tremembés" honra sua inteligência, integra-se na tradição literária de nossa terra, preserva e salva, estimula e reaviva tradições e valores de nosso povo.

Dom Edmilson Cruz

Apresento-lhe meus parabéns por mais esta valiosa obra de sua fecunda e admirável inteligência.

Pe. F. Sadoc de Araujo

Felicito-o por esse estudo, que o recomenda no cenário intelectual de nosso Estado.

Florival Saraine

É um volume que fica não só como subsídio à história, mas como realização de um trabalho honesto e profícuo.

José Alcides Pinto

É este livro de grande interesse não apenas regional mas também nacional, considerada a amplitude da sua natureza

João Damasceno Vasconcelos

Agradeço de coração sua oferta de "Almofala e os Tremembés". Seu trabalho em prol do Vale do Acaraú tem sido valiosíssimo.

Pe. João Mendes Lira

Através das páginas desse rico repositório, sentimos a importância e beleza daquele trato de terra, berço de civilização, relicário das mais fiéis tradições.

Prof. José Silva

Uma excelente e documentada monografia que pode servir de "vade-mecum" dos guias de turismo itinerantes.

Lauro Ruiz de Andrade

Trabalhos assim ajudam a construir a história do Ceará e a conservar os valores culturais do nosso povo.

Prof. Newton Gonçalves

Considero seu livro a primeira antologia que é feita sobre Almofala, e de bom conteúdo.

Parsifal Barroso

Estou certo que a presente obra é a mais completa que até agora foi publicada sobre tão importante quão atraente tema.

Ribeiro Ramos

FONTES DE PESQUISAS

Páginas de História e Pré-história — Carlos Studart Filho
Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo — Álvaro G. de Alencar
Cronologia Sobralense — F. Sadoc de Araujo
Pequena História do Ceará — Raimundo Girão
História do Brasil — Rocha Pombo
Os Municípios Cearenses e seus Distritos — Raimundo Girão
Sinais Vistos por Pinzon — Pe. João Mendes Lira
História do Brasil — Hélio Viana
Comemorando o tricentenário do Ceará — Barão de Studart
Efemérides Brasileiras — Barão do Rio Branco
Revista do Instituto do Ceará
Revistas e Jornais diversos.

PINHEIRO